



José Cândido Rodrigues Neto

A concepção de natureza em

Goethe

 **Atena**
Editora
Ano 2022



José Cândido Rodrigues Neto

A concepção de natureza em

Goethe

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



A concepção de natureza em Goethe

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: José Cândido Rodrigues Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696 Rodrigues Neto, José Cândido
A concepção de natureza em Goethe / José Cândido
Rodrigues Neto. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-933-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.339220803>

1. Goethe, Johann Wolfgang von, 1749-1832 -
Filosofia. 2. Natureza. 3. Arte. I. Rodrigues Neto, José
Cândido. II. Título.

CDD 193

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Dedico este trabalho a todos aqueles que de alguma forma contribuíram com minha formação, em especial minha mãe, minha tia e minha avó.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares por toda dedicação e carinho para comigo.

Aos meus amigos por todo o companheirismo e pelos momentos de diversão juntos.

Aos meus colegas de curso por compartilharem cada momento, tanto de estudo quanto de lazer.

Aos meus professores por toda dedicação e por serem os responsáveis pela minha formação.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães, por ter contribuído desde o começo da graduação, me aceitando em seu grupo de pesquisa e sempre me orientando.

A minha prima Duzinha e toda sua Família por terem me acolhido tão calorosamente em sua casa por quase cinco anos.

A minha esposa Maria Júlia Bento por sempre estar ao meu lado.

Quando te leio, as cenas animadas
Por teu gênio, as paisagens que imaginas,
Cheias de vida, avultam repentinas,
Claramente aos meus olhos desdobradas...

Olavo Bilac – XXII A Goethe

APRESENTAÇÃO

O presente livro faz um estudo sobre a obra do poeta alemão Johann Wolfgang Goethe, buscando investigar sua concepção de natureza e as implicações desta em sua escrita literária. Apesar de ter certas ressalvas em relação à filosofia e ao pensamento sistemático, Goethe pode ser considerado um importante pensador, sempre dialogando com as ideias de seu tempo. Não restam dúvidas de que a obra do poeta alemão se constitui como um importante legado para a cultura ocidental. Diante disso, o presente livro busca apresentar importantes pontos da concepção de natureza em Goethe, a partir de um estudo do seu pensamento, presente em seus escritos sobre crítica literária, investigação natural e também em suas obras de literatura. Nesta perspectiva, este estudo apresenta uma leitura do romance *Os Sofrimentos do jovem Werther*, a luz dos conceitos goethianos. Com isto, o autor pretende apresentar novas chaves de leitura para a obra do poeta alemão Johann Wolfgang Goethe.

SUMÁRIO

RESUMO	1
ABSTRACT	2
INTRODUÇÃO.....	3
GOETHE E A FILOSOFIA: A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO GOETHIANO NO ÂMBITO FILOSÓFICO.....	5
WERTHER COMO CONTRAPONTO DA ÉTICA RACIONALISTA DE KANT	12
A ética kantiana e sua influência	13
O Romantismo e a valorização da sensibilidade	18
A CONCEPÇÃO DE NATUREZA EM GOETHE	24
A natureza como força poética	24
A relação entre indivíduo e natureza	29
O cultural em contraposição ao natural	34
Natureza como refúgio e como inspiração do artista	39
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	44
SOBRE O AUTOR.....	46

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar a concepção de natureza em Goethe e apontar alguns dos elementos que compõem tal concepção. Para realizar tal intento, recorreremos a uma pesquisa bibliográfica que tem como referência básica o romance de Goethe intitulado *Os sofrimentos do Jovem Werther*. Além disto, foram consultados outros textos deste autor com o intuito de se delinear uma relação de sua obra em torno do tema a ser estudado. Também serão utilizadas obras de estudiosos de Goethe como suporte teórico. Esperamos assim, construir uma interpretação em torno de um dos temas centrais do pensamento goethiano: a natureza. A concepção de natureza goethiana foi construída a partir da visão de mundo deste autor, tal concepção perpassa grande parte de seus escritos. Nestes, a natureza se apresenta como uma totalidade orgânica e viva, uma força poética que constrói suas obras a partir da fantasia. Tal concepção destoa da concepção de natureza mecânica presente em grande parte da modernidade, principalmente no período iluminista. Goethe concebe, então, as forças naturais como sendo dotadas de criatividade. Esta natureza poética só pode ser abordada por outro espírito igualmente poético. Assim o observador do mundo natural deve despertar as forças criativas do seu ser para assim manter um intenso contato com a natureza. Esta relação entre indivíduo e natureza também é um elemento recorrente nos textos de Goethe e parece demonstrar que, nesta perspectiva, a natureza só se revela para aquele que escuta a seu chamado, pois como é dito por este autor “todo o saber e ciência não podem acuá-la”.

PALAVRAS-CHAVE: Goethe. Natureza. Filosofia. Arte.

ABSTRACT

This work aims to investigate the conception of nature in Goethe and to point out some of the elements that make up such a conception. To make such an attempt, we will turn to a bibliographical research that has as basic reference the novel of Goethe titled *The sufferings of Young Werther*. In addition, other texts of this author were consulted with the intention of outlining a relation of his work around the subject to be studied. Also works of Goethe scholars will be used as theoretical support. We thus hope to construct an interpretation around one of the central themes of Goethian thought, the nature. The conception of Goethian nature was built from the world view of this author, such conception runs through much of his writings. In these, nature presents itself as an organic and living totality, a poetic force that builds its works from fantasy. Such a conception distorts the conception of mechanical nature present in much of modernity, especially in the Enlightenment period. Goethe conceives, then, the natural forces as being endowed with creativity. This poetic nature can only be approached by another equally poetic spirit. Thus the observer of the natural world must awaken the creative forces of his being in order to maintain an intense contact with nature. This relation between individual and nature is also a recurrent element in Goethe's texts and seems to demonstrate that, from this perspective, nature reveals itself only to the one who listens to its call, for as it is said by this author "all knowledge and science can not arrest it".

KEYWORDS: Goethe. Nature. Philosophy. Art.

INTRODUÇÃO

O poeta alemão Johann Wolfgang Goethe produziu uma vasta obra que se tornou um dos maiores legados da cultura alemã, e quiçá da cultura ocidental. Este autor dialogou com diversas áreas do conhecimento humano e a partir disto erigiu uma sólida concepção de mundo. Esta tornou-se influente pela sua originalidade e também por sua consistência. A concepção de mundo de Goethe perpassa seus inúmeros escritos, tanto os científicos quanto os literários. Neste sentido é possível se falar em um pensamento goethiano ou até em uma filosofia que subjaz aos escritos deste autor. Entretanto, Goethe não é um filósofo sistemático, e também não tinha a pretensão de sê-lo. Seus escritos primavam mais pela criatividade e por pesquisas científicas sobre a natureza, o que o aproximava de uma visão poética da realidade.

Com efeito, a natureza é um dos temas mais recorrentes da concepção de mundo goethiana. Tantos nos seus romances, cartas e poesias, como em seus tratados científicos e escritos sobre as artes, a natureza estava sempre presente na obra do poeta de alemão. Deste modo, a natureza torna-se um importante elemento para se compreender o pensamento goethiano. Investigar tal elemento pode lançar luz sobre diversos aspectos de sua obra. Sendo assim, neste trabalho buscaremos investigar: Qual é a concepção de natureza em Goethe? E quais são os principais aspectos que compõem tal concepção? Para realizar tal empreitada recorreremos a alguns escritos deste autor, principalmente o seu romance intitulado *Os sofrimentos do jovem Werther*, onde a natureza é um elemento constante, configurando, assim, uma concepção de natureza goethiana. Utilizaremos também outros textos do poeta alemão, para assim traçar uma relação entre eles, em torno do tema estudado. Também serão utilizados textos de outros autores que estudam a obra goethiana e a relação desta com o pensamento de seu período. Neste caso, o presente trabalho tem a natureza de pesquisa bibliográfica, onde por meio desta buscaremos construir uma interpretação a respeito do tema a ser investigado.

Neste trabalho, primeiramente traçaremos uma relação entre o pensamento goethiano e a filosofia, a fim de compreendermos como Goethe procedia em sua escrita e em suas investigações acerca da natureza, bem como para entender a relação que este autor tinha com as principais ideias de seu período. Em seguida, buscaremos expor a concepção de natureza Goethiana, e alguns dos elementos que a configuram, levando em consideração que tal concepção é decorrente da visão de mundo deste autor, e que tal visão se encontra presente em seus escritos, uma vez que Goethe não buscava fazer uma separação nos saberes, mas antes buscava integrá-los.

Com efeito, esperamos que ao fim deste trabalho tenhamos contribuído com uma sistematização sobre a obra deste autor, apontando algumas implicações que sua concepção de natureza tem para os seus escritos. O estudo de Goethe é de inestimável importância para ampliarmos a nossa compreensão a respeito de todo o pensamento da

modernidade, principalmente os aspectos filosóficos e literários de tal pensamento, pois a obra deste autor contempla tanto estes ramos do saber, como outros mais, independente de meras classificações que a ela sejam atribuídas com fins didáticos. Pois a pujança do pensamento goethiano transcende o âmbito das rotulações.

GOETHE E A FILOSOFIA: A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO GOETHIANO NO ÂMBITO FILOSÓFICO

A importância de Johann Wolfgang Goethe é inegável dentro da literatura alemã. Este autor produziu uma obra monumental que ecoa desde os dias atuais e que se tornou um dos maiores legados para a cultura germânica e também ocidental. Goethe nasceu em Frankfurt no ano de 1749. Sua família pertencia à alta burguesia e desde cedo lhe proporcionou uma sólida formação. No início de sua juventude seu pai o envia para cursar direito na universidade de Leipzig. Mas logo Goethe descobre sua vocação literária e aos vinte e cinco anos publica o Werther, livro que se tornaria referência para toda uma geração e que tornaria seu autor célebre. Após o sucesso do Werther, Goethe se muda para Weimar onde passaria o resto de sua vida e produziria inúmeras obras que dariam projeção mundial ao seu nome, tornando-o um dos maiores escritores de todos os tempos.

Goethe produziu uma vasta e diversificada obra. Tentar enquadrar seus escritos em uma única vertente literária, filosófica ou artística seria um equívoco, tendo em vista que ele escreveu sobre diversos temas e em diferentes perspectivas. Ele foi autor de inúmeros poemas, romances, cartas, ensaios e aforismos, além de escrever obras no campo da botânica e uma teoria das cores. Portanto, sua obra não se enquadra em fronteiras rígidas de áreas do conhecimento, tão pouco é este o nosso interesse no presente trabalho. Neste capítulo, o que propomos é traçar uma relação entre a filosofia e a obra de Goethe, apontando a importância do pensamento deste autor para o campo das ideias. Tendo em vista que Goethe não escreveu um tratado de filosofia nem desenvolveu um sistema filosófico, não estamos aqui tratando este autor como sendo um filósofo, no sentido rigoroso do termo, como alguém que desenvolveu uma obra puramente filosófica. O próprio Goethe não tinha a preocupação de escrever uma obra conceitual e sistemática, pois a criatividade tinha a primazia em seus escritos. Entretanto, sua obra dialogava diretamente com as principais ideias de seu tempo, sendo estas artísticas, filosóficas, religiosas e científicas. Com efeito, podemos dizer que as obras deste autor constituem uma rica concepção de mundo e da vida que influenciou e foi influenciada pelo pensamento filosófico. Deste modo, buscaremos apontar de que forma os escritos do poeta alemão se relacionavam com a filosofia.

Apesar de não ter sido um filósofo sistemático, Goethe foi um autêntico pensador de seu tempo, e por isso merece atenção de todos aqueles que se interessam e estudam sobre o pensamento filosófico. Pois os problemas e os temas que constituem o horizonte de interesse deste autor são também de interesse de todo o seu período histórico. Desta forma, o nome de Goethe não se restringe apenas ao campo das artes e da literatura.

A obra do poeta alemão constitui, assim, uma síntese do espírito de sua época, uma vez que tendo ele dialogado com as principais ideias de seu tempo conseguiu integrar

algumas destas, erigindo uma rica e plural concepção de mundo. Como não poderia ser diferente, o poeta alemão também manteve uma intensa e fértil relação com a filosofia, embora a despeito dele mesmo. Sobre a sua relação com esta é dito que ele:

[...] não é certamente um filósofo sistemático, muito menos especializado. Mas, curiosamente, a filosofia delegou à literatura a tarefa de situar Goethe como filósofo em face dos problemas humanos, de sorte que não é mais possível, hoje em dia, excluir o pensador de Weimar do rol dos grandes filósofos, de tal maneira contribui ele para a formação cultural da Europa e, por conseguinte, para a nossa formação, na medida em que a nossa cultura seja um reflexo vivo da cultura do velho mundo. (MOURA, 1949, p. 11)

Apesar de não ter produzido obras puramente filosóficas, com o rigor e a sistematização que são próprios dos tratados de filosofia, o poeta alemão construiu uma rica concepção do mundo, preocupando-se e refletindo sobre os principais temas da filosofia e do pensamento humano.

Num âmbito mais histórico podemos dizer que a visão de mundo de Goethe, suas críticas à ciência e a religião enquanto manifestações de costumes e crenças burguesas, sua eterna e romântica melancolia em relação aos temas-chave da existência humana marcam uma época, sobretudo, para filósofos e artistas. E é no meio filosófico que os efeitos do trabalho inovador de Goethe são mais fortemente sentidos. (COELHO, s. d., p. 03)

Goethe erigiu uma rica visão de mundo tornando-se um influente pensador da cultura alemã e também da cultura ocidental. O termo “visão de mundo” pode ser definido como: “[...] o conjunto de idéias, crenças, sentimentos e ideais que determinada pessoa forma do mundo e da vida, isto é, de sua existência individual e do contorno real, cósmico, em que se encontra.” (MORAES FILHO, 1999, p. 12) A forma de Goethe conceber o mundo, os mistérios do cosmos e a existência humana constituem o todo de seu pensamento, sua concepção de mundo, que em alemão é designada pela palavra *Weltanschauung*. O Pensamento goetheano foi amplamente influenciado por diversas filosofias e filósofos como também influenciou amplamente diversos escritos filosóficos subseqüentes.

Podemos afirmar que o autor do *Fausto* e do *Werther* é inegavelmente um pensador de clara importância para a história da filosofia. Apesar de não ter produzido um sistema filosófico ele apresentou ricas reflexões sobre os problemas filosóficos de seu tempo. Por seu caráter de universalidade, pela profundidade de suas investigações e seu afã de conhecer, o poeta alemão dialogava diretamente com a filosofia, pois os temas de interesse do poeta faziam parte dos temas do universo filosófico. Sendo assim, pode-se dizer que Goethe fez uso do pensamento filosófico para compreender os mistérios da existência e filosofou ao tentar dar suas respostas aos problemas que o inquietavam, uma vez que o seu espírito investigativo e sua ampla compreensão do mundo não o permitiam apenas aceitar pacificamente as respostas dadas por outros. Desta forma, este autor produziu

uma autêntica concepção de mundo que está presente em sua rica e diversificada obra. As seguintes palavras de Moraes Filho atestam Goethe como filósofo e defendem seu lugar em uma história da filosofia:

O autor do Fausto foi filósofo a despeito dele mesmo, na medida em que precisou da filosofia para o esclarecimento das suas experiências no campo das ciências naturais, ou para a compreensão da sua justa posição diante do universo, sempre cheio de mistérios e de causas ocultas. Além de pertencer à história geral do espírito humano, pela amplidão da sua obra e pela riqueza da sua personalidade, pertence também à história da filosofia. (MORAES FILHO, 1999, p. 56-57)

Portanto, fica patente a importância de Goethe no âmbito da filosofia, uma vez que o poeta alemão foi um importante pensador da modernidade e da história do pensamento universal, sendo influenciador de diferentes filósofos e correntes de pensamento.

A criatividade de Goethe não permitia que este autor se contentasse apenas com uma forma de escrita e de pensamento, por isso ele tinha aversão aos sistemas. O próprio Goethe diz o seguinte: “No que me diz respeito, não posso, diante das tendências variadas do meu espírito, me contentar com um só modo de pensar.” (GOETHE, 1813, apud MORAES FILHO, 1999, p. 67) Todavia: “Não é por ausência de um sistema coerente e hermético que se pode negar a qualidade de filósofo a Goethe.” (Ibidem, p. 65)

Como já foi dito, Goethe não escreveu nenhuma obra puramente filosófica. Sua “filosofia” está presente de modo geral em seus escritos, sejam eles poemas, romances, ou em suas obras científicas. Os escritos goethianos possuem uma rica profundidade e há sempre neles uma filosofia presente. Moraes Filho (1999) confirma isto ao dizer:

Sem dúvida alguma, a obra poética de Goethe e o seu temperamento dominam as suas manifestações como pensador, mas mesmo nas suas poesias e nos seus dramas há sempre uma filosofia subjacente, bastando-lhe, só por isso, a qualificação pacífica de poeta-filósofo. (p. 58)

A denominação de poeta-filósofo talvez caia bem a Goethe, pois como já foi dito, toda a sua obra, especialmente a poética e literária, está repleta de reflexões filosóficas, onde este autor dialoga com os principais temas da filosofia, lançando questionamentos, hipóteses, sugerindo respostas e apontando direcionamentos. Entretanto, “Se Goethe sintetiza diversas correntes filosóficas de sua época, ou se insere uma corrente nova derivada das artes e da experiência estética, difícil definir. Permanece ele como pensador colossal, enigmático, difícil e admirável, apesar das alcunhas oficiais que se lhe dêem.” (COELHO, s. d., p. 13)

Não há dúvida que Goethe era versado em filosofia, tendo ele lido a obra de inúmeros filósofos e frequentado um curso de filosofia nos seus anos de estudo na universidade de Jena, onde teve aulas com o renomado professor Daries. Pode-se dizer que o pensador

alemão “de filosofia, lera o bastante para saber de que lado estava, para poder optar a favor ou contra este ou aquele ponto de vista. O juiz, porém era sempre a sua particular forma de vida; disso não abria mão.” (MORAES FILHO, 1999, p. 62) Apesar disto, Goethe apresentava certas reservas em relação à filosofia de seu tempo, que era tida por ele como hermética e dogmática, considerava-a entediante e demasiadamente abstrata, ao ponto de distanciar o homem do real significado da vida e de suas necessidades mais imediatas, fazendo com que este também se abstraísse de sua própria existência.

Portanto, para Goethe o caráter excessivamente teórico da filosofia comprometia e prejudicava a ação e a atividade do homem. Além disso, o próprio Goethe dizia não possuir uma predisposição para a filosofia. Apesar das ressalvas do poeta alemão em relação à filosofia, e também apesar de uma certa antipatia, em relação a esta, pode-se dizer que:

Goethe fez filosofia, tratou de todos os temas que se encontram normalmente num compêndio ou num vocabulário de filosofia. Fez história da filosofia, sendo facilmente encontrados em sua pena os nomes de quase todos os filósofos até sua época. Neles se inspirou abundantemente. Fez teoria do conhecimento, discutiu sobre as possibilidades do conhecimento, o seu valor, a sua extensão, a sua origem, a sua essência, o seu critério da verdade. Fez lógica, na parte da metodologia, da lógica aplicada ou científica. Fez ética, aliás, um dos seus temas prediletos; estética e filosofia da arte, que, de resto, foram o seu forte. Por mais que houvesse evitado, também não lhe escapou a metafísica, além da história e da filosofia da religião. (Ibidem, p. 53)

A despeito dele mesmo, pode-se dizer que o poeta alemão fez filosofia. Não ao modo dos filósofos propriamente ditos ou aos moldes da tradição filosófica, mas ao seu próprio modo, pois o espírito autêntico e livre deste pensador não o permitia seguir um modelo determinado de pensar e de escrever. Suas respostas aos problemas abordados brotavam de forma criativa e seguiam sua intuição poética. Apesar do excesso de rigor da filosofia acadêmica, os temas da filosofia estavam sempre presentes nos escritos de Goethe. Sendo assim, talvez não fosse à filosofia que ele tivesse aversão, mas a filosofia árida e dogmática, presente em algumas universidades do seu período. Assim, podemos concluir que:

Goethe não era contra a filosofia propriamente dita, era mais contra os filósofos, principalmente contra os filósofos do seu tempo, pela linguagem que usavam, as abstrações a que chegavam, numa construção cerebrina e sistemática, inteiramente distantes da natureza e das coisas concretas. (Ibidem, p. 39)

Talvez um dos elementos do pensamento filosófico que tenha mais desagradado Goethe seja o caráter rigoroso e ordenado deste tipo de escrita. Pois para o poeta alemão, esse excesso de rigor aprisionava o lado mais criativo do homem e cerceava sua liberdade. Seguir regras e métodos pré-estabelecidos por outrem não agradava a Goethe, seja em suas criações poéticas ou científicas. Goethe também não tinha a preocupação que

seus escritos passassem pelo crivo da razão, nem que seus argumentos apresentassem concatenação e validade lógica. Aliás, a lógica era uma das disciplinas filosóficas que mais lhe causava repugnância, pois segundo Goethe esta propunha ensinar operações que ele julgava conhecer desde a infância, e também operações que não tinha nenhuma aplicação à efetividade e ao dinamismo da vida, desse modo considerava esta disciplina pouco proveitosa para seus estudos.

Portanto, parecia haver, por parte do poeta alemão, uma certa rejeição em relação a estruturação estritamente racional e lógica do pensamento filosófico. Julgava Goethe que o excesso de racionalidade era prejudicial ao espírito humano, pois aprisionava o homem em uma camisa de força, condicionando este a enxergar todas as coisas como um simples mecanismo que seria regido por leis racionais. Nesta perspectiva o poeta alemão diz em uma carta as seguintes palavras:

Os séculos passados tiravam suas idéias de sua forma imaginativa, o nosso as dispõe em categorias conceptuais. Naqueles tempos, as grandes ideologias se manifestavam em figuras, em deuses, hoje em dia, são elas dispostas em categorias conceptuais. Antes era maior a potência criadora, hoje o é a arte de destruir, ou seja, a de distinguir. (GOETHE, 1929 p. 116 apud MORAES FILHO, 1999, p. 44)

A visão mecanicista do mundo, que era defendida pela racionalidade, sufocava o dinamismo da vida e desumanizava o homem, tornando-o improdutivo e limitando as forças criativas do seu ser. Sendo assim, Goethe defendia que a arte e a ciência se desenvolveriam mais ao se manterem afastadas do excesso de racionalidade, pois para ele o homem deveria produzir a partir do livre jogo de suas forças naturais. Sendo assim, Moraes Filho indaga a respeito de Goethe:

Índole poética por excelência, espontânea e lírica, inteiramente voltado para a natureza, como cientista e como poeta, procurando Deus in *herbis et dibus*, com imenso sentido de mistério e de demoníaco, procurando por toda a parte o fenômeno primeiro ou originário, o Urphänomen, intuitivo, não poderia conformar-se Goethe com a disciplina abstrata e – por que não dizê-lo? – árida da filosofia acadêmica. (Ibidem, p.43-44)

Desse modo, podemos dizer que Goethe não se contentava em seguir operações racionais que conduzissem a uma verdade com validade lógica, que seria proveniente de investigações demasiadas metódicas e ordenadas por uma estrutura formal, que conduzisse os pensamentos. Logo, o poeta alemão não poderia ser adepto da escrita filosófica uma vez que esta é “[...] sempre uma meditação crítica, uma sistematização racional dos problemas totais que apresenta a realidade, mas sempre um exame dos problemas e dela própria, filosofia, pela razão, ainda quando se trate, paradoxalmente, de uma filosofia irracionalista.” (Ibidem, p. 21) Nesta perspectiva, Goethe estava longe de ser um filósofo ao rigor do termo, pois ele não pautava seus escritos pelo excesso de racionalidade, mas pela sua índole

imaginativa e seu espírito criativo. Todavia, Goethe:

Como artista foi um filósofo. Como pensador, por outro lado, considera tanto as explicações das ciências naturais, quanto às da filosofia, extremamente unilaterais e dicotômicas por natureza. Foi um combatente de todo o cartesianismo, de toda tentativa de "dissecar o mundo", "dissecar a vida". (COELHO, s. d., p. 13)

Destarte, podemos dizer que Goethe se contrapõe à visão mecanicista, proveniente do racionalismo, e também se contrapõe ao método cartesiano de análise, pois para ele o mundo e a natureza não poderiam ser divididos e dissecados em partes, com vistas a facilitar seu estudo, mas, o cosmos constituía uma totalidade, que deveria ser vislumbrada por via da intuição. Outro dado importante é que Goethe não pensava através de conceitos e operações lógicas, pois para ele o perene dinamismo da vida não poderia ser captado por conceitos. [...] nada lhe adiantavam, nem adiantariam os conceitos, já que lhe era suficiente a sua intuição direta e imediata das coisas, a sua metafísica privada, imanente à sua própria personalidade. (MORAES FILHO, 1999, p. 57) Além disso, a filosofia busca encontrar a unidade dentro do diverso, busca por meio das leis da racionalidade conceituar o múltiplo, tornando-o homogêneo e garantindo a ele validade universal. Isto vai de encontro à índole poética de Goethe que busca expressar a variedade de formas e o dinamismo da vida e da natureza. Com efeito, para o pensador alemão a pluralidade da vida não pode ser encapsulada em conceitos. Para este autor o verdadeiro investigador do mundo deve seguir sua intuição, perscrutando os mistérios da vida e do cosmos como um autêntico poeta que se mantém em consonância com os segredos da força criadora que plasma a realidade.

Deste modo, podemos perceber que o pensamento goethiano dá extrema importância à dimensão estética da realidade. Para o pensador alemão, a natureza e o mundo são conduzidos por forças cósmicas e poéticas que geram a realidade de forma inteiramente criativa e imaginativa. Sendo assim, o sentimento e a intuição poética colocariam o homem em harmonia com tais forças. Com efeito, esta forma poética de conceber a natureza, que era própria do poeta alemão, será o tema do terceiro capítulo.

Portanto, a partir do que foi exposto é possível perceber que Goethe produziu uma rica visão de mundo, sendo esta autêntica e tendo influenciado amplamente o pensamento alemão, e também o universal, inclusive o pensamento filosófico. Não se busca aqui defender que Goethe foi filósofo, mas apenas mostrar sua relação e sua importância dentro do estudo da filosofia. Podemos, portanto, apontar a influência do pensamento goethiano com as seguintes palavras:

De resto, não vem fora de propósito lembrar a imensa influência do pensamento de Goethe sobre a filosofia de seu tempo – Schelling, Hegel, Schopenhauer, Fichte, em parte, - fazendo com que a orientação seguida dali para adiante não tenha sido herança direta de Kant. (Ibidem, p. 59-60)

Destarte, o pensamento desenvolvido por Goethe sintetiza todo um espírito de uma época. Rica de reflexões e concepções autênticas, a obra do poeta alemão tornou-se um referencial para toda a cultura alemã, contribuindo assim para seu desenvolvimento e para a sua consolidação. “Hermann Glockner, famoso estudioso da filosofia alemã neste período, dá a Goethe status não apenas de filósofo, no sentido mais tradicional do termo, mas também de divisor de águas dentro da história da filosofia”. (COELHO, s. d, p. 03) Além disso, é dito o seguinte:

O ponto chave de todo o pensamento alemão nas duas primeiras décadas do século XIX é notadamente Goethe, diz Glockner. É Goethe que vai trazer a filosofia para o povo, para a alma popular, e ao mesmo tempo, marcar a própria filosofia contemporânea com os caracteres de uma preocupação mais humana, mais vital, mais natural, por assim dizer. (Ibidem, p. 03)

Realmente, o rico teor de conteúdos filosóficos presentes na literatura de Goethe aproxima a filosofia do povo, tornando estas discussões mais acessíveis, uma vez que a escrita de Goethe por ser ela literária não apresenta o caráter hermético, e carregado de termos técnicos da filosofia, tornando tais discussões mais fáceis de serem assimiladas. Consequentemente, além da filosofia, todo o restante da cultura germânica, seria largamente influenciada pela sabedoria do poeta filósofo Goethe.

WERTHER COMO CONTRAPONTO DA ÉTICA RACIONALISTA DE KANT

Grande parte dos pensadores da moral e da ética ocidental deram ênfase à racionalidade, tendo esta como instância responsável pela formulação dos imperativos éticos, de onde se derivariam as normas morais e de conduta. A título de exemplo, basta lembrar da ética kantiana e seu Imperativo Categórico, como sendo este um produto da razão. Nesta perspectiva, a racionalidade deveria controlar as paixões, os instintos e a sensibilidade dos indivíduos, conduzindo-os rumo a sobriedade e a moral. Com efeito, tudo aquilo que está de fora do âmbito da racionalidade seria negligenciado por boa parte das concepções éticas, do período antigo até a modernidade. A ética ocidental deixaria de lado a reflexão sobre as paixões e instintos, que também constituem dimensões do humano.

Diante disto, o Romantismo teria seu ápice nos séculos XVIII e XIX, tendo como uma de suas marcas a valorização da sensibilidade. Como movimento cultural de grande fôlego, o Romantismo tornar-se-ia influente em diversos campos do saber, não só nas artes, mas também na filosofia e na história, moldando, assim, uma visão de mundo que lhe seria própria. Deste modo, a concepção de mundo romântica ganharia espaço, de maneira ampla, em todo o pensamento, inclusive nas reflexões sobre a ética e a moralidade. Neste capítulo, buscaremos refletir como o Romantismo e a cosmovisão romântica, representado pelo Werther de Goethe, suscitou novas formas de pensar a ética e a moralidade mediante a valorização dos sentimentos. Apesar de não poder ser definido como um autor do Romantismo, Goethe foi uma das principais influências para a visão de mundo romântica. Seu livro *Werther* foi fundamental para este movimento, já contendo duas das principais características do Romantismo: a valorização da sensibilidade e o culto da Natureza. Desta forma, tomaremos este livro como objeto de análise deste trabalho. Iremos apresentar o contraponto feito por *Werther* à ética da racionalidade, representada pelo pensamento de Immanuel Kant.

Portanto, através do estudo do pensamento goetheano, buscaremos indicar como este autor possibilitou ao Romantismo pensar a ética e a moralidade levando em consideração a sensibilidade e as paixões. Buscaremos indicar alguns elementos do *Werther* que já apontavam para esta perspectiva. Tentaremos, por meio disto, refletir como a arte, e principalmente a literatura, poderia suscitar discussões éticas, levando em consideração as paixões, uma vez que estas teriam sido negligenciadas pela racionalidade dos discursos filosóficos sobre a ética. Talvez esta potencialidade da arte se deva ao fato de que ela não estaria presa às amarras e aos ditames da fria racionalidade.

A ÉTICA KANTIANA E SUA INFLUÊNCIA

Como foi dito, o pensamento da ética ocidental, durante bom tempo, se pautou apenas pela racionalidade, deixando de lado a discussão sobre outras instâncias que constituem o humano. Como exemplo disto, podemos citar a ética kantiana, que foi uma das concepções mais influentes no pensamento da ética moderna. Devido a sua pujança, o pensamento desenvolvido por Immanuel Kant, filósofo alemão, se tornaria referência para toda a modernidade. Madame de Staël, contemporânea deste filósofo, ao fazer um diagnóstico das principais ideias de seu período, fim do século XVIII e início do século XIX, diz o seguinte sobre a influência deste pensador e de sua obra:

Seu tratado sobre a natureza do entendimento humano, intitulado *Crítica da razão pura*, surgira havia quase trinta anos, e essa obra permanecera desconhecida durante algum tempo; mas, quando finalmente foram descobertos os tesouros de ideias que encerra, causara tamanha sensação na Alemanha que quase tudo o que se fez desde então, tanto na literatura como na filosofia, deve seu impulso a essa obra. (2016, p. 476)

Estas palavras nos dão a dimensão da importância deste pensador e de suas ideias, que instaurariam um paradigma no campo do pensamento. Sendo assim, a ética e a moral kantiana encontrariam diversos seguidores, que adotariam seus pressupostos, e buscariam também ampliá-los. Com efeito, tentaremos expor alguns pontos centrais da ética kantiana, para podermos evidenciar o caráter racional desta, e mostrar como ela vigorou nos discursos sobre a ética e a moralidade.

A ética kantiana tem como pressuposto fundamental a liberdade. É por meio de tal princípio que o indivíduo pode entender a si mesmo como agente de ações que não estejam unicamente condicionadas à ordem da natureza ou às tradições. A liberdade é o princípio que conduz a uma lei universal, tendo esta como fundamento uma vontade que não seja tutelada pelas inclinações nem regida pelo princípio de amor próprio. Para que isto ocorra, o indivíduo não pode ser unicamente condicionado por objetos da sensibilidade. Em busca de um fundamento em que possa basear a lei moral, o filósofo alemão Immanuel Kant procura responder se há uma faculdade superior de desejar que possa servir de base à lei universal criada por uma vontade legisladora.

No texto *Crítica da razão prática* (2005a) Kant indaga se a razão pura pode por si mesma, determinar a vontade, ou se esta é determinada, apenas, pelos objetos empíricos. Para Kant, se a vontade for determinada unicamente pela razão evidenciaria a existência da liberdade, tal conceito prova que a razão pode ser prática e não apenas empiricamente limitada. Dessa forma, a razão prática cria os seus próprios objetos, não sendo ela submetida apenas à empiria. Tais objetos da razão são criados por meio de uma vontade legisladora, que dita os princípios práticos sem estar submetida a objetos sensíveis e que pode ser compreendida como sendo uma vontade pura, que prescinde de objetos e

determina a si mesma.

Na *Fundamentação da metafísica dos costumes* (2005b), Kant nomeia a parte empírica da ética de *antropologia prática* e a parte racional ele chama de *moral*. A partir desta divisão o filósofo alemão busca depurar a razão da empiria, para que se possa saber o quanto a racionalidade é capaz de determinar suas próprias regras. Assim, busca-se elaborar uma filosofia moral pura. Só uma filosofia moral pura pode estabelecer leis que possuam em si uma necessidade absoluta, que encontre seu fundamento em conceitos da razão e não em fatores externos ao agente. Para Kant, a lei moral deve estar fundamentada na razão e deve ser encontrada a priori. Pois assim, será universal e não contingente, uma vez que não dependerá da natureza do homem, nem das circunstâncias do mundo, mas unicamente na razão pura.

Quando a vontade não se submete a máximas subjetivas nem a objetos empíricos ela entra em tal conformidade com a lei universal, que ela mesma passa a ser legisladora. A lei universal, que é resultante da liberdade está isenta de todas as contingências e das condições subjetivas, ela é objetiva e tem validade universal. Para se chegar à lei prática é preciso eximir a casualidade da vontade. Sendo assim, a vontade deve ser isenta da relação de causa e efeito. Só a vontade que é determinada diretamente pela razão, é capaz de erigir as leis práticas.

Quando o sujeito é afetado pela representação de um objeto, e esta condiciona sua faculdade de desejar, então, este desejo pertence aos sentidos e não ao entendimento. Esta vontade patologicamente afetada constitui a faculdade inferior de desejar. Desta forma, todos os princípios provenientes de tal faculdade, que determinam o arbítrio da vontade, através do prazer ou da dor provenientes de algum objeto, pertencem ao princípio de amor próprio, que visa à felicidade. Segundo Kant, em tal princípio não se podem se basear as leis éticas. Se a razão for capaz, de por si só, determinar a vontade, por meio de um fundamento prático, então, podemos dizer que existem as leis práticas. Caso contrário, existiriam apenas máximas subjetivas, que não teriam alcance universal.

A partir disto, Kant indaga se existiria uma faculdade superior de desejar. Para este filósofo, é preciso que existam leis formais, que são constituídas e legisladas pela razão, para que se possa conceber a faculdade superior de desejar, que tem suas representações como sendo provenientes do entendimento, que cria seus objetos. Para que haja a faculdade superior de desejar, é preciso que a razão pura seja também prática, e determine a vontade, unicamente por meio da forma da regra prática, suprimindo as determinações dos sentidos, do agradável e do desagradável. Só assim, a razão determina por si mesma, estando livre das inclinações. Sobre isto Kant nos diz:

A razão determina imediatamente a vontade por uma lei prática, sem mediação de sentimento algum de prazer ou de dor, nem mesmo de um prazer ligado a essa lei, sendo tal faculdade, necessariamente prática como razão pura, o que lhe dá um caráter legislativo. (KANT, 2005a, p.26)

Dessa forma, notamos que a razão tem que determinar a vontade diretamente através da lei prática. Portanto, os objetos sensíveis devem ser abstraídos dessa lei prática. A lei prática deve ser conhecida pela razão, a priori e não pela experiência, a posteriori. A ação derivada desta lei constitui um dever. Pois, dentro desta perspectiva, a ação praticada por dever é destituída de todo princípio material e é conduzida por seu caráter formal, sendo este percebido na forma pura da lei. Dever é a necessidade de uma ação por respeito à lei. Só se pode ser objeto de respeito aquilo que está ligado à vontade como princípio, como aquilo que a determina, e não o que é efeito e serve à inclinação. Logo, podemos inferir que a vontade tem a lei moral como princípio determinante. Isto aponta para a determinação da vontade por meio da razão. Assim, se um ser racional cria uma máxima partindo de princípios práticos e abstraindo toda a matéria, ou objetos empíricos que determinassem a vontade, essa máxima será universal e terá validade de lei.

Destarte, a ética em Kant se dá através das leis práticas, que são construções de uma vontade legisladora que é proveniente de uma faculdade superior de desejar. As leis práticas são construídas quando a razão legisla e cria os fundamentos de determinação da vontade. Esta deve ser determinada pela razão prática, suprimindo toda a influência que os sentidos podem ter sobre a vontade. A liberdade é o pressuposto fundamental da ética Kantiana. Segundo Kant, quando a razão determina diretamente a vontade, pode-se dizer que estamos fazendo uso da liberdade. Essa determinação da vontade pela razão prática, que cria seus objetos, consiste na faculdade superior de desejar. Os objetos desta faculdade são concebidos pelo entendimento. As leis práticas são erigidas através de imperativos categóricos, que transformam as ações em deveres que precisam ser cumpridos, sob a forma de uma coação. Essa coação é intelectual e garante que os indivíduos não fiquem apenas no âmbito das máximas e, portanto, no âmbito subjetivo. Pois se a razão é universal e inerente a todos os seres racionais, estes devem fazer uso dela para construir regras que tenham validade universal e garantam que os indivíduos não sigam apenas suas inclinações.

Devido à sua consistência, a ética kantiana se instauraria como paradigma da moralidade. Ela representa o quanto os discursos filosóficos sobre a ética, sobre a arte e outros âmbitos do saber humano, estão pautados pela racionalidade, que deveria comandar a vontade para conduzir o homem ao caminho das boas condutas e de uma vida sóbria. Entretanto, esta concepção de mundo, como boa parte das concepções éticas do ocidente, negligenciaram as paixões e a sensibilidade, que também são dimensões do humano. Dentro desta perspectiva, elas deveriam ser controladas pela racionalidade para que o homem se mantivesse na posse de si e pudesse fazer uso de suas faculdades intelectuais para sempre agir bem. A estima pelas ciências exatas fez com que alguns pensadores buscassem transformar a moral e a arte em ciência exata e com alcance universal, onde as regras de conduta seriam derivadas de leis gerais. Kant e alguns de seus herdeiros se

inserem nesta perspectiva, como podemos notar a partir das seguintes palavras:

Desde que o gosto pelas ciências exatas se apoderou dos espíritos desejou-se demonstrar tudo; e uma vez que o cálculo das probabilidades permitiu submeter até mesmo o incerto às regras, é motivo de orgulho resolver matematicamente todas as dificuldades apresentadas pelas questões mais delicadas, e de fazer assim que a álgebra reine sobre o universo. Alguns filósofos, na Alemanha, também, também pretenderam dar à moral as vantagens de uma ciência rigorosamente provada em seus princípios bem como em suas consequências, e que não admite nem objeção nem exceção desde que se adote dela a primeira base. Kant e Fichte tentaram esse trabalho metafísico, e Schleiermacher [...] publicou um livro muito profundo sobre o exame dos diversos sistemas morais considerados como ciência. (STAËL, 2016, p. 549)

Nesta perspectiva, a moralidade de cada ato individual seria julgada mediante às regras de validade universal, que seriam atemporais, imutáveis e deduzidas pelo cálculo da razão. Sendo assim, a exatidão da moral, pretendida por estes pensadores não admitia exceções, e, portanto, tudo aquilo que desviava a vontade das regras morais deveria ser controlado ou deixado de lado.

A teoria moral de Kant é severa e algumas vezes seca, pois exclui a sensibilidade. Ele vê como um reflexo das sensações, devendo conduzir às paixões nas quais sempre entra o egoísmo; por isso não admite a sensibilidade como guia, e coloca a moral sob a salvaguarda de princípios imutáveis. (STAËL, 2016, p. 545)

Assim, a busca por exatidão científica e princípios éticos imutáveis, derivados da razão, fez com que boa parte das concepções éticas do ocidente se eximissem da sensibilidade e das paixões. Estas eram deixadas de lado, sendo consideradas como elementos nocivos, que deveriam ser apaziguados pela tutela da razão. A aridez deste discurso conduziria à uma fragmentação do homem, pois algumas de suas faculdades também seriam deixadas de lado. Entretanto, a ética não pode ser interpretada por meio de um método geométrico, que busque exatidão. Tão pouco as normas éticas poderiam ser convertidas em enunciados científicos (COMPARATO, 2006 p. 494-495). As paixões, os instintos e a sensibilidade também devem ser levadas em consideração quando nos propusermos a pensar a humanidade e a moral, pois não somos simples máquinas que podem ser conduzidas pelos frios cálculos da razão. Como dito por Madame de Staël:

Tudo o que tende a restringir nossas faculdades é sempre uma doutrina aviltante; é preciso dirigi-las para o fim sublime da existência: o aperfeiçoamento moral; mas não é pelo suicídio parcial desta ou daquela potência de nosso ser que nos tornamos capazes de nos elevar para atingir esse objetivo [...] (p. 435)

Portanto, é preciso pensar o humano em sua totalidade. Pois somos seres dotados de sensibilidade, imaginação e instintos, e nem sempre estes atendem aos apelos frios da

razão. Isto também deve ser levado em consideração pela ética e pela estética. É preciso pensar o homem na completude de seu ser.

A sensibilidade, a imaginação e a razão se completam. Cada uma dessas faculdades seria apenas uma doença, uma fraqueza em lugar de uma força, se não fosse modificada ou completada pela totalidade de nosso ser. As ciências do cálculo, a certa altura, têm necessidade de imaginação. A imaginação, por sua vez, deve apoiar-se no conhecimento exato da natureza. De todas as faculdades, a razão parece aquela que se absteria mais facilmente do socorro das outras, e, entretanto, se alguém fosse inteiramente desprovido de imaginação e sensibilidade poderia tornar-se, por força da aridez, por assim dizer, louco de razão, e ao ver na vida apenas cálculos e interesses materiais, poderia enganar-se tanto sobre o caráter e as afeições dos homens quanto um ser entusiasta que imaginasse por toda parte desinteresse e o amor. (STAËL, 2016, p. 443-444)

Portanto, para que as discussões em torno da ética e da moralidade das ações ganhem maior completude é necessário pensar o homem de forma integral, levando-se em consideração as diversas faculdades que o compõem. A crença exacerbada na razão, que se acentuou na modernidade, principalmente no século das luzes, buscava eximir a influência das paixões nas ações humanas, para que estas pudessem seguir o reto caminho da sobriedade, conduzidas por uma vontade legisladora. Todavia,

Todos hoje concordam em que os valores não podem ser apreendidos unicamente pelo raciocínio; a sua compreensão exige, sempre, um mínimo de sensibilidade emocional, que por sua vez comanda a vontade do agente. O juízo ético não é feito somente de razão, mas também de indignação e vergonha, de ternura e compaixão. Reconhecer, contudo, que em matéria ética estamos sempre envolvidos com valores, e que estes não se apreendem apenas pela razão, mas também pelos sentimentos, e se realizam por uma decisão de vontade, não significa dizer que nos encontramos, aí, no campo do puro subjetivismo. (COMPARATO, 2006, p. 507)

Desta maneira, as teorias científicas e filosóficas da contemporaneidade partem do pressuposto de que não se pode pensar a existência do homem, seja como organismo ou como pessoa, sem se levar em consideração a experiência emocional ou afetiva deste. Além disso, na atualidade há uma tendência de reforçar a relação entre razão e emoção, evitando de encará-las como antagônicas, mas admitindo uma relação de interdependência entre elas, ao passo que nem uma das duas pode prescindir da outra, ou mesmo sobrepujá-la. (ABBAGNANO, 2012, p. 375-376).

Atualmente alguns pensadores admitem pensar o elemento da sensibilidade como parte integrante da ética. Como o filósofo judeu Hans Jonas, que defende em seu texto *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (2006), a importância do “sentimento de responsabilidade”, que é um elo afetivo que faz com que determinado indivíduo se torne engajado com a preservação do planeta e das futuras

gerações. Esta responsabilidade se dá sob a forma de sentimento, de um sujeito para com um objeto que o interpela e lhe inspira o cumprimento de um dever. Segundo Jonas, para atendermos ao chamado deste dever devemos assimilá-lo sob a forma de sentimento, pois sem o aspecto emocional não atenderíamos apenas ao apelo da razão, mesmo diante das mais irrefutáveis demonstrações do raciocínio lógico. Com efeito, a lei moral, segundo Jonas, possui um caráter racional, e por isso objetivo, e também um caráter subjetivo, que é a propensão a atender ao apelo dos sentimentos, que são conduzidos para um “sentimento de responsabilidade”. A responsabilidade ética, como sentimento, segundo Jonas, não foi trabalhada nas éticas anteriores.

Todavia, a despeito da concepção de Jonas e de outros pensadores, nem sempre os filósofos admitiram a sensibilidade como parte integrante do pensamento ético. Como vimos, a sensibilidade e as paixões eram repelidas dos discursos éticos ou tidas como elementos prejudiciais à ética e à moralidade, uma vez que eram responsáveis por afetar de forma patológica as ações dos indivíduos, exercendo o domínio de sua personalidade. A própria palavra “paixão”, que vem do grego páthos, indica um efeito ou ação patológica (doentia) de determinada emoção sob a personalidade de um indivíduo, de forma a deixá-lo incapaz de fazer uso de seu bom senso ou de sua capacidade de reflexão. (ABBAGNANO, 2012, p. 861). Disto decorre que o indivíduo tomado por paixões é aquele que não mantém o domínio de si, mas é conduzido por uma espécie de embriaguez do espírito.

Partindo desta perspectiva, grande parte das teorias éticas do ocidente, por muito tempo, rejeitaram qualquer exaltação das paixões, principalmente nos discursos sobre a moralidade. A concepção que busca controlar a influência das emoções sobre os indivíduos ganha ainda mais força na Europa do século das luzes, onde inúmeros pensadores defendiam que a racionalidade seria a instância responsável por desmistificar o mundo e instaurar um estado de maioria intelectual, aclarado pelas luzes da razão. Assim, tudo aquilo que pudesse afetar o indivíduo a ponto de turvar suas faculdades intelectuais era tido como algo danoso, devendo estar subordinado ao intelecto. Diante disto, no próximo capítulo buscaremos discutir algumas possíveis contribuições de Goethe e de sua concepção de natureza para se pensar a ética e a estética mediante a sensibilidade. Uma vez que a cosmovisão goetheana influenciou diretamente o movimento romântico e se afirmou como contraposição à sobriedade e a racionalidade do iluminismo, no tópico seguinte apresentaremos alguns aspectos da cosmovisão de Goethe que impactaram na concepção de mundo romântica.

O ROMANTISMO E A VALORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE

Como reação à exacerbada crença na razão, proveniente da filosofia iluminista, surge o Romantismo (MARÍAS, 2004, p. 363), movimento cultural que instauraria uma concepção

de mundo baseada na sensibilidade e na liberdade de criação e que foi influenciado pelo movimento *Sturm Und Drang*, liderado por Goethe e Schiller. Deste modo, pensamos que alguns pressupostos da concepção romântica viabilizaram novas formas de pensar a ética. Não buscaremos neste tópico desenvolver uma ética do romantismo, mas apenas indicar como alguns dos posicionamentos filosóficos e estéticos deste movimento suscitam novas maneiras de conceber e de pensar a ética, principalmente as concepções éticas baseadas na racionalidade, como a de Kant. Todavia, não abordaremos todo o movimento romântico, pois seria inviável devido ao longo alcance e as diversas vertentes que teve este movimento. Assim, nos limitaremos a analisar uma parcela do Romantismo alemão, uma vez que como é dito por Gerd Bornheim (1959, p. 16), o Romantismo alemão talvez tenha sido a vertente deste movimento que mais teria sido influenciado pelo pensamento filosófico de seu tempo, sendo o único que se estruturaria como movimento a partir de posições filosóficas definidas, e por isto pensamos que ele seja mais pertinente para as discussões aqui tecidas.

O *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), movimento de jovens poetas e intelectuais alemães, encabeçado por Goethe e Schiller, pode ser considerado como precursor do Romantismo, uma espécie de prelúdio deste movimento. As ideias tempestuosas e a irreverência frente às regras e aos convencionalismos, impostos pela racionalidade, são as marcas do *Sturm und Drang*. Os poetas deste movimento cultuavam a figura do gênio, que é aquele que cria sem se submeter às regras ou a padrões antigos e cristalizados. Os pré-românticos do *Sturm und Drang* pretendiam viver e escrever sem a necessidade de regras, buscavam até mesmo contrariar as existentes. Por isso, se julgavam gênios. (CARPEAUX, 2013). Para alguns, tal movimento seria uma reação antecipada contra a revolução francesa e a filosofia Iluminista, que constituía o arcabouço dessa revolução.

As grandes influências dos *Stürmer* foram o poeta e dramaturgo Shakespeare e o filósofo Rousseau. Com efeito, os posicionamentos filosóficos do *Sturm und Drang* se potencializam no Romantismo, que possui como características fundamentais: A exaltação dos sentimentos e da subjetividade, ânsia pelo infinito e o culto à natureza (REALE; ANTISERI, 2005, P.9), traços que já estavam presentes no pré-romantismo do *Sturm und Drang*.

No plano político e filosófico, o Romantismo se contrapunha ao Iluminismo e a revolução francesa, que teriam fracassado em sua pretensão de tirar o homem das trevas e de seu estado de menoridade, por meio das luzes da razão que instaurariam um estado de maioridade intelectual. O fracasso da revolução francesa é representado pela guilhotina, instrumento assombroso de decapitação utilizado pelos líderes da revolução para punir seus adversários e que “tornou-se símbolo sinistro de morte, que punha fim às grandes esperanças filantrópicas, humanitárias e pacifistas acesas pelo século das “luzes”. (REALE; ANTISERI, 2005, P.3). Artisticamente, o Romantismo era contrário às regras e a

sobriedade do Classicismo. Para os Românticos a arte seria um meio por onde o indivíduo daria vazão a sua subjetividade e aos seus sentimentos, sem estar sujeito às regras e a formas delimitadoras, uma vez que a arte seria uma forma pela qual o homem finito buscaria o infinito, mesmo não obtendo êxito em sua busca.

A ânsia pelo infinito, que é própria dos românticos, é designada pelo termo alemão “*Sehnsucht*”, que pode ser traduzido como saudade, ânsia ou nostalgia. (KELLER, 1994, p.271). Filosoficamente, *Sehnsucht* transcende a estes significados e passa a designar um desejo que nunca atinge sua meta, porque não a conhece ou porque esta não pode ser definida, pois se trata do próprio infinito. Assim, a *Sehnsucht* não é direcionada para um objeto, passando a ser um desejo indefinido e inextinguível. Por não ter um objeto a que se destinar, a *Sehnsucht* passa a ser um sentimento puro, que se volta sobre si mesmo, tornando-se o desejo de desejar, ou seja, o sentimento não se volta para algo exterior a si, mas para seu próprio íntimo, se satisfazendo, de forma parcial, com o estado de espírito que ele suscita. Desta paixão irrealizável decorre, portanto, a famosa “melancolia romântica”, que sempre vem acompanhada de saudosismo e nostalgia, uma vez que o anseio romântico pelo infinito (*Sehnsucht*) representa um contraste com a realidade e a aspiração de algo mais, transcendente ao plano físico, que escapa continuamente.

Todo romântico tem sede de infinito; e aquela “ansiedade”, que é desejo irrealizável, o é precisamente porque aquilo pelo que se anseia, na realidade, é o infinito. [...] O romântico expressa essa tendência ao infinito também como “*Streben*”, ou seja, como perene “*tender*” que nunca cessa, porque as experiências humanas são todas finitas, ao passo que seu objeto é sempre infinito e, como tais, são sempre transcendidas. (REALE; ANTISERI, 2005, p. 12)

Desta incessante busca, decorrente da ânsia de infinito, resulta a valorização da arte feita pelos românticos, que a consideravam como instância superior, pois “a obra de arte é o infinito que se manifesta no finito”. (REALE; ANTISERI, 2005, p. 12) Dentro desta concepção, assim como a arte, a filosofia busca também o infinito, mostrando a relação deste com o finito. Todavia, a arte seria o órgão privilegiado do infinito, pois através do artista genial seria operada a síntese entre finitude e infinitude. Assim, ao artista caberia a grande missão de elevar a humanidade por meio da arte.

Nesta perspectiva a arte assumiria um aspecto religioso e ético, promovendo a união do Eu finito com Divino infinito. Portanto, a busca do infinito, conduzida pela arte e pela sensibilidade, levaria a uma tentativa de elevação do espírito humano, que teria a liberdade e a expressividade como seus instrumentos. O gênio e a criação artística tornam-se graus supremos da expressão do absoluto e do verdadeiro. Na busca de liberdade e superação dos limites, o artista romântico é aquele que se torna norma para si mesmo. Criatividade e autenticidade passam a ser a bandeira e o lema dos românticos. Isto teria importantes desdobramentos no campo da arte, da moralidade e da ética, uma vez que a elevação do

espírito humano conduziria à rejeição de alguns limites impostos à arte e a vida. Sendo assim, “[...] é evidente que essa superação do espírito humano e o pôr-se gradualmente acima dos limites e de toda finitude valem não apenas para a filosofia, mas também para a ética, para a arte e para todas as formas de vida espiritual, constituindo autêntica marca do romantismo”. (REALE; ANTISERI, 2005, p. 17) O artista genial, que se tornaria figura arquetípica do romantismo, é aquele que cria sem estar sujeito a regras, sejam elas de ordem estética, ou moral. “Em sua essência, o movimento romântico teve como objetivo libertar a personalidade humana dos grilhões da convenção e da moral social.” (RUSSEL, 2015, p. 240)

Portanto, o Romantismo se impõe como paradigma cultural dentro do período moderno. Propondo um *ethos*, como marca espiritual do homem romântico, baseado na sensibilidade e na estetização do mundo e da vida. Os românticos não eram indiferentes à moral e a ética. Todavia, os princípios em que estavam alicerçados seus predecessores não lhes pareciam bons, e por isso deveriam ser superados. Segundo Bertrand Russel, a moral defendida pelos românticos considerava a motivação estética antes de qualquer outra coisa. (2015, p. 233-234). Neste sentido, para o romântico a vida e o mundo tornam-se uma obra de arte, onde cada manifestação fenomênica ou ato praticado passam a ser vistos como versos de um poema, notas de uma melodia ou tonalidades de cor que compõem o quadro da existência. A própria natureza ganha uma aura poética, pois passa a ser compreendida como uma força criativa, dotada de um instinto artístico. Essa força poética só poderia ser compreendida por outro espírito igualmente poético. É nesse sentido que o poeta romântico Novalis afirma que: “O poeta compreende melhor a natureza do que o cientista” (apud REALE; ANTISERI, 2005, p. 13). Para os românticos haveria uma correspondência entre as criações da natureza e as criações do gênio, pois as mesmas forças presentes no mundo natural também estariam presentes no homem. Esta concepção de natureza foi profundamente influenciada por Goethe e tais pressupostos estão presentes em sua obra de juventude, *Os sofrimentos do jovem Werther*. Ao longo deste trabalho iremos apresentando aspectos desta concepção de gênio e de criatividade nos escritos de Goethe.

Diante do que foi exposto, é possível perceber que o Romantismo alemão, sob a influência goetheana, erigiu uma ampla concepção de mundo, baseada na sensibilidade. A busca dos românticos pelo infinito os impeliu a tentativa de constituir uma síntese cultural, que não considerava a arte, ciência e filosofia como polos separados, mas como convergentes. Nesta perspectiva, o mundo matemático deveria dar lugar ao mundo poético, e por isso, ciência e poesia deveriam coincidir. Para os românticos a intuição poética deveria ser a instância responsável por elevar a humanidade, realizando sua plenitude.

Uma das grandes influências do Romantismo foi o poeta J. W. Goethe. Além de ser um dos principais nomes do *Sturm und Drang*, ao lado de Schiller e Herder, a concepção de

natureza de Goethe era cara aos românticos, e seus escritos literários eram referência para todo este movimento, tornando-se verdadeiros símbolos para os românticos. No Romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, estão contidos pontos centrais para o romantismo alemão, como a valorização da subjetividade, a exaltação das paixões e o culto à natureza. Desta forma, no próximo capítulo abordaremos a concepção de natureza de Goethe, relacionando-a à valorização da sensibilidade e da criatividade, pressupostos importantes na contraposição da fria racionalidade iluminista. Com isto buscaremos, então, evidenciar as influências deste autor para a concepção de mundo romântica.

Como foi dito ao longo do trabalho. O discurso ético ocidental é marcadamente pautado pela racionalidade e por muito tempo deixou de lado tudo aquilo que está fora do âmbito racional. Grande exemplo disto seria a ética Kantiana, que tem a liberdade como pressuposto. Todavia, a liberdade em Kant é apenas a liberdade em relação aos objetos patológicos, mas não em relação à razão. Para que haja liberdade de fato, o homem deve ser livre não apenas para cumprir o dever, mas para escolher entre seguir a natureza ou atender ao dever. (BERLIN, 2015, 129). Esta era uma das grandes preocupações dos românticos, ao valorizarem a sensibilidade, trazendo-a para o palco de debates sobre a ética.

O Romantismo tentou criar uma síntese cultural, unindo a beleza da arte e a reflexão filosófica. Neste sentido, a filosofia, a história, a literatura e as demais artes não eram tidas como instâncias separadas, mas deveriam integrar um grande amálgama do pensamento humano. A estetização do mundo e a criatividade como forma de expressão foram grandes marcas desse movimento. Talvez por isto, os românticos puderam pensar a ética sob novas perspectivas, uma vez que não estavam presos a aridez sistemática dos tratados filosóficos. Dessa forma, as obras literárias do período romântico foram um espaço privilegiado para inúmeras reflexões, sempre levando as discussões filosóficas para outro plano. Ao darem ênfase à criatividade artística, os românticos conseguiram alcançar novas formas de experiência, alargando as possibilidades de se pensar o humano, pois levaram as grandes questões para o plano da arte. Neste sentido, a arte, sobretudo a literatura, demonstra ser um local privilegiado para se explorar as diversas possibilidades da existência humana, indagando sobre suas potencialidades e limitações. Talvez esta grande capacidade da arte se deva ao fato de que ela não esteja presa ao âmbito da utilidade e seja, por excelência, uma das grandes expressões da liberdade humana.

Neste sentido, Werther, personagem do romance de Goethe, é um autêntico representante do *éthos* romântico. A genialidade de Werther coloca em evidência as regras excessivas que limitam o homem. Este personagem reveste a existência humana de uma dimensão estética, concebendo-a como sendo uma obra de arte, e como tal, ela deveria ser conduzida pela liberdade, deixando de lado tudo aquilo que tende a cercear as suas potencialidades. Não buscamos com isso defender uma possível ética alicerçada nos

pressupostos contidos neste romance, mas sim indicar como ele suscita novas formas de conceber a condição humana, sem a restrição de nenhuma de suas potencialidades.

A CONCEPÇÃO DE NATUREZA EM GOETHE

Uma vez que expusemos a importância do pensamento de Johann Wolfgang Goethe tanto para filosofia, como também para toda cultura ocidental, buscaremos agora, ao longo deste trabalho, apontar alguns aspectos do pensamento deste autor, construindo possíveis interpretações a respeito de sua filosofia. Para tanto, buscaremos investigar a concepção de natureza em Goethe, pois esta carrega importantes elementos, tanto literários, quanto filosóficos, do pensamento goethiano. Não utilizaremos o termo “conceito de natureza” por entender que o próprio Goethe deixa claro que o dinamismo da natureza não pode ser apreendido por meio de conceitos. Desta forma utilizaremos a designação “concepção de natureza, para referir-se a forma pela qual a natureza é concebida dentro do pensamento de Goethe.

Como foi dito anteriormente, Goethe escreveu sobre diversos temas que foram pertinentes em sua época e que despertam o interesse e a curiosidade do espírito humano. Sendo assim, alguns destes temas tornavam-se recorrentes na obra do poeta alemão, perpassando quase que a totalidade de seus escritos. Com efeito, a natureza é um destes temas que se apresentam de forma significativa na obra de Goethe, tanto nos seus escritos literários, como também em suas produções científicas, pois o poeta alemão além de literato também era um investigador do mundo natural. Deste modo, nos escritos goethianos configura-se uma concepção de natureza que é um dos elementos centrais no pensamento do poeta de Weimar. Tal concepção compreende a natureza como sendo uma totalidade orgânica dotada de uma força poética, que cria suas obras por meio da fantasia e da imaginação. A partir disto, buscaremos neste trabalho elencar alguns elementos que compõem a concepção de natureza de Goethe, procurando relacionar alguns de seus diferentes escritos por meio desta concepção.

A NATUREZA COMO FORÇA POÉTICA

Goethe se contrapunha à concepção mecânica da natureza, que compreendia o mundo natural como sendo um mecanismo dotado de regularidade e regido por leis físicas e matemáticas. Nesta perspectiva, a natureza seria passível de ser desvelada por meio de investigações racionais e explicada por axiomas e teorias científicas. Ela passaria a ser um objeto de estudo da razão. Essa concepção se acentuou no período iluminista, onde a crença na racionalidade torna-se exacerbada. Nesse período acreditava-se que as luzes da razão deveriam transformar o mundo em um lugar melhor, arrancando os indivíduos das trevas da ignorância, tornando claro o que antes era obscuro. Sendo assim, a racionalidade deveria estender seus domínios e abarcar todo o conhecimento, explicando o mundo e a diversidade dos fenômenos. Como consequência disto, a razão iluminista pretendia encurralar e encapsular a natureza na fria redoma dos conhecimentos científicos, tornando-a um mero objeto de estudo. Neste contexto a natureza parecia estar domada,

aprisionada à regularidade de leis físicas e matemáticas às quais deveria obedecer, tornando-se assim previsível.

A esta concepção de natureza mecânica se contrapõe Goethe. Pois para o poeta de Weimar o mundo natural constitui uma totalidade orgânica, que é revestida de uma aura poética. Destarte, a concepção de natureza goethiana foi também resultado de alguns de seus estudos no campo das ciências naturais. Com estes estudos ele “[...] não queria nem criar nem superar a natureza. Ele se identificava como criação desta natureza e queria entendê-la obedecê-la” (WEIZÄSCKER, 1998, p. 545 apud KESTLER, p. 51). Desta forma, mesmo em seus estudos científicos o poeta alemão concebia a natureza como uma força espiritual e poética, malgrado as teorias científicas da época.

Nesta perspectiva, a natureza não obedece a leis racionais, mas “[...] opera segundo leis que ela a si mesma prescreveu, [...]” (GOETHE, 1987, p. 246), produzindo suas obras partir do seu ímpeto criativo. Esta visão poética que Goethe tinha a respeito da natureza, mesmo em seus estudos científicos, demonstra ser algo mais do que uma simples visão de mundo. Para alguns autores esta forma de investigar a natureza por vias científicas e poéticas constituem uma espécie de paradigma científico. Sobre ele é dito que:

Tal paradigma, moldado pela visão da totalidade da natureza e de sua relação com o homem, baseia-se na idéia de uma correlação entre homem e natureza de uma perspectiva panteística, ou seja, cada ser vivo possui uma essência divina. A obra científica de Goethe é uma cosmogonia poético-científica, na qual homem e natureza, sujeito e objeto, espírito e matéria não estão separados. Aliás, sua obra poética também não pode ser compreendida em sua totalidade sem que se apreenda sua relação íntima com a obra científica. (KESTLER, p. 52)

Em tal contexto, a natureza passa a ser compreendida como uma força poética e artística, que gera formas sempre novas a partir de seu afã indomável. Neste sentido o poeta alemão afirma que: “A Natureza reservou-se tanta liberdade que nós, mesmo com saber e ciência, não podemos usualmente alcançá-la ou encurralá-la”. (GOETHE, 1987, p. 117)

Sendo assim, já que a natureza não pode ser acuada pela razão, para entrar em contato com o mundo natural o indivíduo deve despertar sua natureza interior, por meio do fluxo de seus sentimentos e paixões que são evocados por uma natureza externa. A solidão e a beleza de uma paisagem podem despertar os sentimentos mais recônditos do indivíduo, basta despertar este “sentimento de natureza”, e enxergar a poesia presente no mundo natural. As forças naturais não devem ser abordadas por via da razão e de cálculos matemáticos, mas por meio da sensibilidade. Somente aquele que enxerga a poesia presente no cosmos consegue perscrutar os segredos mais recônditos desta força geradora que é a natureza. Isto demonstra que para Goethe deve haver um equilíbrio entre indivíduo e natureza, que pode ser percebido por meio da seguinte sentença: “Uma

excelente ocupação é um homem investigar simultaneamente a natureza e a si mesmo, não para fazer violência, quer a ela, quer ao seu próprio espírito, mas sim para colocar a ambos em equilíbrio por meio de uma doce influência mútua.” (GOETHE, 1987, p. 254)

Entretanto, esta investigação de que fala Goethe não seria um procedimento pautado por operações racionais. O investigador deveria estar dotado de um espírito artístico, para assim compreender as forças criativas presentes na natureza e em seu próprio espírito, colocando estas em consonância. Com efeito, Goethe poetiza a natureza e dá a esta uma dimensão estética. Os segredos do mundo natural revelam-se por meio da beleza, pois “O Belo é uma manifestação de leis secretas da Natureza as quais, sem essa aparição, teriam permanecido eternamente escondidas”. (GOETHE, 1987, p. 57) Portanto, se a natureza se revela por meio da beleza e da poesia, presente em suas manifestações, o observador do mundo natural deve manter o espírito de um artista, enxergando de forma poética cada fenômeno natural que se apresente diante de seus olhos, pois: “A poesia enfoca os enigmas da Natureza e procura resolvê-los por meio de imagens”. (GOETHE, 1987, p. 229)

Werther, personagem de um romance de mesmo nome, de Goethe, ao descrever uma paisagem natural o faz com a sensibilidade de um poeta. Diz ele:

Quando aqui cheguei, e do alto da colina pus-me a contemplar esse lindo vale, senti-me atraído de modo estranho por todo esse vasto horizonte. “Ah! Se eu pudesse mergulhar nas sombras daquele pequeno bosque, lá longe! ... Ah! Se eu pudesse galgar o pico daquela montanha distante e de lá abarcar a região inteira! Não poder errar por aquelas colinas que se ligam umas às outras, e pelos vales cheios de sombra pensativa!” E percorria-os, regressando sem haver encontrado aquilo que esperava. A distância, naquelas paragens, parece-se com o futuro. Um todo imenso, e como que envolvido por uma neblina, estende-se diante da nossa alma; nosso coração aí mergulha e se perde, da mesma forma que os nossos olhos, e ardentemente aspiramos a nos abandonarmos por completo, deixando-nos impregnar de um sentimento único, sublime, delicioso... (GOETHE, 2002, p. 243)

A paisagem descrita pelo personagem deixa de ser uma simples paisagem e torna-se poesia. O próprio personagem ao delinear a paisagem sente-se atraído por ela, criando uma imagem carregada de sensibilidade. Ao descrever a paisagem é como se o personagem compusesse um inspirado poema dotado de emoção e criatividade. Portanto, isto nos faz perceber que o poeta de Weimar compreende que as forças naturais se assemelham a mente criativa de um artista. Para apreender a plasticidade da natureza o indivíduo deve cultivar o espírito de um artista, enxergando e sentido a poesia que exala do cosmos. Disto decorre, que a natureza não deve ser abordada por via de investigações racionais, mas pela sensibilidade. Esta dimensão estética do cosmos está presente de forma recorrente no pensamento goethiano. Mesmo os trabalhos científicos deste autor apresentam esta estetização do mundo, que aproxima as obras concebidas pela natureza às criações da arte. Com efeito, por meio do:

[...]estudo da botânica, nas investigações anteriores sobre anatomia, a geologia e a zoologia, e posteriormente na investigação sobre a luz e as cores em sua *Farbenlehre*, que vai se revelando e delineando o propósito de Goethe de tentar apreender o processo formativo da natureza viva como modelo de qualquer forma artística. É no momento em que tem a intuição da *Urpflanze* que Goethe indica uma “confluência entre a arte e seu modo de representar a natureza”. Ou seja, para ele existe uma identidade, um paralelismo entre as leis da natureza e as leis da arte. (KESTLER, 2006, p. 46)

A estetização da natureza, seria uma forma de captar o dinamismo do *physis* e da vida, uma vez que a plasticidade da arte entraria em consonância com o fluxo da existência. Pois para Goethe a natureza não poderia ser apreendida por conceitos, pois estes imobilizariam o curso das forças naturais que animam o mundo, sufocando a pluralidade da vida. Disto decorre, que a conceituação tornaria estática a natureza. Seria como se a racionalidade reduzisse a natureza a um mero objeto de estudo, dissecando pedaços de uma natureza morta. O verdadeiro investigador da natureza compreende está como uma força viva e plural, que só pode ser abordada por vias poéticas, pois isto permite compreender o processo formativo da *physis*.

Ademais, nesta imbricação entre arte e natureza, o próprio conceito de natureza é outro, pois não é mais entendido como pura objetividade, mas em seu processo formativo, em seu movimento de produção, seu *werden*. Em oposição a uma concepção estática da natureza, tem-se aqui uma concepção viva, a qual se aproxima do movimento da arte: esta, se bem realizada, deve reproduzir o movimento de criação da própria natureza, o contínuo *devir* do mundo natural. Se se quer reproduzir bem a natureza, não se deve representar o existente com fidelidade servil – não se deve imitar passivamente a natureza. “Imitar a natureza” implica, antes de mais nada, segundo Goethe, entender a natureza enquanto natureza geradora: representar bem a natureza é imitá-la vivamente, ativamente, pois a Natureza é concebida como espírito vivente, espírito produtor. (GUIDOTTI, 2011, p. 121)

Este espírito vivente e produtor da natureza se mantém em eterno movimento, pois ele sempre se renova por meio de suas criações, tornando inesgotáveis as águas do *devir*. Disto decorre, que apenas uma compreensão poético-estética pode apreender o processo formativo do cosmos. Para se apreender tal processo o indivíduo deve cultivar a sensibilidade de um artista, pois isto promoveria um elo de empatia entre artista e natureza, tal afinidade seria mantida pela força imaginativa e criativa de ambos. “[...] tornamo-nos dignos de participar mentalmente das produções da Natureza pela percepção de uma Natureza sempre criativa.” (GOETHE apud STEINER, 1998, p.19) Portanto, podemos perceber que na visão de mundo de Goethe natureza e arte estão imbricados. Sobre isto é dito que:

A despeito da fragmentação dos saberes, do fato inelutável da separação da esfera da natureza e da esfera da arte inaugurados pela *Aufklärung*, Goethe propugna antes a correspondência entre os dois domínios, uma concepção na qual arte e natureza estão imbricadas. (GUIDOTTI, 2011, p. 120)

Portanto, podemos inferir que na perspectiva goethiana o dinamismo da natureza não pode ser apreendido por conceitos, pois estes sufocariam a pluralidade da vida. As formas da natureza não são estáticas, nelas não há clareza e distinção. Ao invés disto a natureza na concepção goethiana apresenta-se como o rio heraclítico, sempre em eterno devir, pois a criatividade das forças cósmicas segue eternamente renovando a existência e engendrando novas formas, e, assim, o mundo natural segue seu perene e indomável fluxo. Deste modo, o poeta de Weimar utiliza dois termos para refletir sobre o movimento da natureza, o termo *Gestalt* representa as formas estáticas e bem definidas, formas bem contornadas. Este termo abstrai o movimento e a ação, e não poderia se referir ao dinamismo da natureza. Pois este seria melhor representado pelo termo *Bildung*, que designa formação, ou seja, um constante movimento de poíesis, daquilo que se faz e não se esgota, como algo que segue inacabado. A *Bildung* aponta para o perene movimento de plasticidade da natureza. Sobre estes dois termos Goethe diz o seguinte:

O alemão tem para o complexo da existência de um ser real a palavra forma [*Gestalt*]. O alemão abstrai com este termo o movimento, supõe que um constructo formado por unidades afins seja definido, fechado e fixado em suas características. Se observarmos, porém, todas as formas, especialmente as orgânicas, nós descobrimos então que em parte alguma se encontra algo que perdure, permaneça em repouso ou esteja concluído, mas que, pelo contrário, tudo oscila em um movimento incessante. Daí decorre a necessidade de utilizar, em nossa língua, a palavra formação [*Bildung*], tanto para nos referirmos ao que já está acabado quanto para aquilo que se encontra em processo de produção. Se quisermos introduzir uma Morfologia, não podemos então falar em forma [*Gestalt*], mas sim fazer uso da palavra apenas quando pensarmos na Ideia, no conceito ou na experiência como algo fixo por apenas um instante. Aquilo que se formou logo se transforma outra vez, e, se quisermos atingir de algum modo uma intuição viva da natureza, temos que nos manter tão móveis e tão plásticos quanto ela própria (GOETHE, 1989, p. 13 apud GUIDOTTI, 2011, p. 122).

Com efeito, o perene movimento de renovação natureza só pode provir de algo vivo, tal movimento é semelhante a regeneração de um organismo. Isto corrobora com a concepção que compreende a natureza como um organismo vivo e distancia-se da concepção de natureza mecânica, pois um mecanismo não pode regenerar a si mesmo, uma máquina pode apenas ser consertada pela mente que a projetou, mas nunca se recriar. Deste modo:

A concepção viva da natureza goethiana implica assim, ainda, um novo modo de conhecer, um novo modo de apreender a natureza, que não parte da admissão de um fundamento último das coisas, uma *Gestalt*. A percepção da Natureza deve acompanhar o movimento da própria natureza, seu contínuo devir, e não abstrair, numa concepção fechada, daquilo que no fenômeno se apresenta como movimento. (GUIDOTTI, 2011, p. 122)

Sendo assim, desta concepção orgânica de natureza decorre que o observador

do mundo natural deve buscar compreender esta força em seu eterno fluxo. Logo, se a natureza se encontra em eterna mudança ela torna-se um objeto inesgotável que não pode ser abarcado por nenhum saber, tornando-se incognoscível para qualquer sujeito. Deste modo, a natureza torna-se revestida de uma aura de mistério.

Com efeito, esta natureza revestida de mistério e poesia só se revela a outro espírito igualmente poético. Assim “Aquele a quem a Natureza começa a desvendar seu segredo manifesto experimenta um anseio irresistível por sua intérprete mais digna: a Arte.” (GOETHE apud STEINER, 1998, p. 30) Para se captar emanções da força cósmica que a tudo gera, o indivíduo deve buscar manter com esta uma afinidade artística e poética, apenas ao artista a natureza revela seus insondáveis segredos, que são trazidos ao mundo por meio de criações poéticas e artísticas. Entretanto, tal artista não deve buscar representar a natureza de forma subserviente, não deve simplesmente captar as formas de uma natureza morta e aprisiona-las em uma imagem estática. Ao invés disto, deve buscar captar o movimento da *physis*, procurando vislumbrar o processo criativo desta para também se tornar criador.

O íntimo contato com a natureza faz com que o indivíduo desperte sua natureza interior e anseie se tornar também parte da natureza externa, buscando fundir-se com a estrutura universal do cosmos. Esta comunhão entre homem e natureza pode ser percebida principalmente em algumas poesias e romances de Goethe, especialmente no romance intitulado *Os sofrimentos do jovem Werther*, onde o personagem principal desta obra desperta seus sentimentos mais arraigados ao entrar em contato com uma natureza exuberante que o cerca. Sobre esta relação de afinidade entre indivíduo e natureza, trataremos dela no próximo tópico deste capítulo.

A RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E NATUREZA

Nos escritos literários de Goethe a natureza é um dos elementos mais recorrentes. Em suas poesias a natureza aparece como uma espécie de prolongamento do eu-lírico. Já em alguns romances de Goethe ela torna-se um personagem, interagindo na trama junto com os outros personagens, e não simplesmente servindo de plano de fundo. Nestes romances a proximidade com os elementos do mundo natural fazem irromper as forças ocultas do indivíduo, que sente uma imensa necessidade de expressar seu estado interior, fazendo transparecer sua alma através de uma paisagem natural. Neste processo, a natureza intrínseca do homem irrompe e se expressa através de uma natureza que lhe é exterior, ocorrendo uma fusão entre ambas, o que faz com que indivíduo e cosmos se confundam, e se expressem mutuamente. O indivíduo exterioriza e estende seus sentimentos a toda *physis*, e esta parece se comover pelos seus lamentos, entristecendo-se e chorando as dores do eu lírico. A natureza entra em luto pela dor de um coração dilacerado, o orvalho

chora em gotas a perda da amada, o mar torna-se revoltado pela força de uma paixão violenta e o trovão ruge a fúria de um espírito indomável.

Destarte, o eu-lírico expressa sua interioridade por meio de uma natureza externa, como se ambas as naturezas – interna e externa – estivessem em consonância. Isto pode ser percebido em um trecho do romance *Werther* onde o personagem principal diz o seguinte: “Assim como a natureza se inclina para o Outono, também o outono vive dentro de mim e em torno de mim. As folhas da minha alma vão amarelecendo, enquanto as folhas das árvores vizinhas tombam”. (GOETHE, 2003, p. 297-298) Este trecho do romance nos faz perceber que o personagem se encontra em íntima relação com as forças da natureza, e estas parecem influenciar seus sentimentos, pois o outono da natureza também é o outono de sua alma, a sua melancolia se manifesta no cair das folhas, e nas cores pálidas que perdem o tom vicejante do verão.

O *Werther*, personagem de Goethe, expressa através de sua sensibilidade o intenso desejo de se tornar parte integrante da estrutura universal. Fundindo-se com a natureza. O intenso turbilhão de sentimentos deste personagem o faz despertar sua natureza interior e esta anseia unir-se com a natureza externa. Isto pode ser identificado na seguinte fala do personagem:

Quanto ao resto, sinto-me aqui perfeitamente bem. A solidão, neste verdadeiro paraíso, é um bálsamo para o meu coração sempre fremente, que transborda ao calor exuberante da primavera. Cada árvore, cada sebe forma um tufo de flores, e a gente tem vontade de transformar-se em abelha para flutuar nesse oceano de perfumes e deles fazer o único alimento (Ibidem, p. 222)

O trecho acima expressa bem o processo de introspecção que o personagem do romance mantém no contato com os elementos do mundo natural. O contato com tais elementos faz com que o personagem desperte a sua natureza interior e a revele por meio de uma união com a natureza externa. A paisagem natural afeta o indivíduo de tal modo que este sente-se unido à tal paisagem como se fosse parte integrante desta, o indivíduo anseia por se fundir na estrutura universal. Neste contato entre natureza-indivíduo, não há uma relação de conhecimento, pois não há um sujeito cognoscente que aborda um objeto a ser conhecido, mas a natureza chama o indivíduo, apela à sua sensibilidade, tal indivíduo responde ao chamado do cosmos e anseia manter com este uma união que será o reencontro do indivíduo com a totalidade, o micro e o macro cosmo buscando um ao outro. Isto também pode ser percebido no seguinte trecho do romance:

Quando em torno de mim os vapores de meu vale querido se elevam, e o sol a pino procura devassar a impenetrável penumbra da minha floresta, mas apenas alguns dos seus raios conseguem insinuar-se no fundo deste santuário; quando, à beira da cascata, ocultas sob os arbustos, descubro rente ao chão mil diferentes espécies de plantazinhas; quando sinto mais perto do meu coração o formigar de um pequeno universo escondido

embaixo das ervinhas, e são os insetos, moscardos de formas inumeráveis cuja variedade desafia o observador, e sinto a presença do Todo-Poderoso que nos criou à sua imagem, o sopro do Todo-Amante que nos sustenta e faz flutuar num mundo de ternas delícias; então, meu amigo, é quando o meu olhar amortece, e o mundo em redor, e o céu infinito adormecem inteiramente na minha alma como a imagem da bem amada; muitas vezes, então, um desejo ardente me arrebatava e digo a mim mesmo: "Oh! Se tu pudesses exprimir tudo isso! Se pudesses exalar, ao menos, e fixar no papel tudo quanto palpita dentro de ti com tanto calor e plenitude, de modo que essa obra se tornasse o espelho de tua alma, como tua alma é o espelho de Deus!.." Meu amigo! Este arroubramento me faz desfalecer; sucumbo sob a força dessas visões magníficas. (Ibidem, p. 222/223)

Ao expressar sua interioridade, o indivíduo mergulha em sua própria natureza interna. Sendo está uma síntese da totalidade cósmica, o indivíduo passa a estar em contato com o divino. Ao fazer emergir sua interioridade o indivíduo também expressa o divino, pois sua alma é um espelho deste. A fala de Werther nos permite inferir que a alma humana ao transbordar de sentimentos torna-se um reflexo do numinoso e permite ao homem vivenciar o absoluto por meio de sua sensibilidade. Quando a alma passa a ser expressada através deste sentimento de pertencimento ao cosmos, o homem sente-se ligado à physis e passa a fazer parte de uma paisagem natural. Este intenso contato entre homem e natureza faz o indivíduo vislumbrar as forças que se escondem por trás dos fenômenos. A partir disto, o homem sente-se ligado à totalidade capitando o rastro do divino, do numinoso que se esconde na natureza. Neste sentido, Goethe afirma: "A Natureza esconde Deus! Mas não a todos!" (1987, p. 202) Somente aquele que enxerga a natureza de forma poética percebe a presença do divino que está imanente em cada fenômeno, como uma intuição do todo nas partes, pois é a força universal que se manifesta nos fenômenos particulares.

Destarte, em algumas obras literárias de Goethe, tanto os personagens de seus romances quanto o eu-lírico de suas poesias, utilizam-se de elementos do mundo natural para expressar sua interioridade, os sentimentos individuais são estendidos para toda natureza que se humaniza tornando-se antropomórfica. Podemos perceber isto no seguinte trecho de um poema de Goethe, intitulado de *Pensamentos noturnos*:

Lastimo-vos, ó estrelas infelizes,
Que sois belas e brilhais tão riosas,
Guiando de bom grado o marinheiro aflito,
Sem recompensa dos deuses ou dos homens [...]

Neste trecho, o eu lírico atribui às estrelas emoções e características humanas, tais como a tristeza e a solicitude, além de utilizar o céu noturno para transmitir a melancolia e a aflição presentes em seu estado emotivo. Desse modo, pode-se perceber que o eu poético não busca apenas expressar uma natureza exterior e objetiva, mas, antes busca expressar sua própria natureza, seu estado interior, e para isso utiliza-se de metáforas com

elementos do mundo natural, condicionando e idealizando este. Tais elementos tornam-se um espelho das emoções que o eu-lírico busca expressar. Assim, há uma espécie de fusão entre indivíduo e natureza, onde aquele expressa sua natureza interior e a natureza externa humaniza-se, sendo-lhes atribuídas características que são propriamente humanas como a saudade, o sono e o sonho, como podem ser percebidos em um outro poema de Goethe, intitulado “Mar calmo”:

Tranqüilo, o mar não canta nem ondeia.

O nauta, imerso noutra mar de mágoas,

Os olhos tristes e úmidos passeia

Pela tranqüilla quietação das águas.

A onda, que dorme quieta, não espuma;

O astro, que sonha plácido, não canta,

E em todo o vasto mar, em parte alguma

A mais pequena vaga se levanta.

Neste trecho a quietude do mar expressa também o estado de melancolia e inanição do eu-lírico, a calma das ondas no mar se assemelha ao “mar de mágoas” ao qual este está imerso. É como se o próprio oceano se compadecesse dos sentimentos do eu poético. Dessa forma, percebemos que por vezes os fenômenos do mundo natural estão em consonância com o estado íntimo do indivíduo, sendo aqueles um espelho deste. Esta proximidade com o mundo natural é estabelecida por meio da sensibilidade, pois os sentimentos pontam para aquilo que é mais natural no indivíduo. Sendo assim, é por meio da sensibilidade que se desperta este “sentimento de natureza”. Este parece ter tomado conta do Werther, personagem de Goethe, pois ele é suscetível ao anelo de paixões que o faz despertar “o sentimento de natureza”. O personagem parece também identificar tal paixão na sua amada Carlota, ao dizer:

Aproximamo-nos da janela. Os trovões continuavam, mas cada vez mais distantes, e uma chuva deliciosa começou a cair, fazendo um agradável ruído; subiam até nós bafagens de ar tépido e carregado de um cheiro vivificante. Ela estava apoiada sobre o cotovelo, olhando a campanha; ergueu o olhar para o céu e, em seguida, para mim. Notei que seus olhos estavam banhados de lágrimas. Ela colocou a mão sobre a minha e exclamou: “O Klopstock!” Lembrei-me imediatamente da ode magnífica em que Carlota pensava, e abandonei-me às emoções que só aquela palavra despertou em mim. (Ibidem, p. 241-242)

Neste trecho Werther descreve sua afinidade com Carlota. Este personagem sente-se unido a sua amada pelo mesmo sentimento de natureza. O cair das trovoadas presenciados por ambos nesta cena, faz com que estes dois personagens mantenham entre

si uma forte atração que é promovida pela apreciação poética da manifestação das forças da natureza, presente nas trovoadas. Este episódio evoca uma ode do poeta Klopstock, que agrada tanto Werther quanto Carlota. A tempestade que cai traz à tona um turbilhão de sentimentos que arrebatam os dois personagens, que se percebem maravilhados diante de tão sublime espetáculo. Werther e Carlota permanecem por longos momentos absorvidos pela da poesia dos versos de Klopstock e pela beleza poética do céu trovejante.

O personagem Werther se mantém tão próximo à natureza que o cerca que ele próprio se torna uma força da natureza. Toda a violência e fúria das tempestades o arrebatam quando ele se aproxima do seu fim. A própria natureza, devido a empatia de ambos, parece pressentir e se compadecer dele, que diz: “Tomai luto, ó natureza, porque o vosso amigo, o vosso amante aproxima-se do fim”. (GOETHE, 2003, p. 340) Ao se aproximar do fim, as cartas de Werther expressam cada vez mais os arroubos de paixão que acometem este personagem. Ele passa a relatar a impossibilidade de consumir seu amor com a bela Carlota, e também a sua recusa de viver sem a sua amada. Em pleno inverno, sua alma parece tornar-se tão nebulosa quanto esta estação, os ventos violentos de sua paixão parecem arrasta-lo para seu fim. As forças da natureza as, quais o Werther está suscetível, sentem-se acoçadas pelas frias regras e normas sociais de um mundo burguês, que impedem o personagem principal de dar vazão a sua natureza íntima. Com isto, estas forças naturais se enfurecem e transforma-se em um espetáculo amedrontador, como o que é descrito por ele:

Ontem, à noite, não pude ficar em casa. O degelo sobreveio subitamente. Disseram-me que o rio havia transbordado, que os regatos estavam crescidos e o meu vale querido inundado a partir de Wahlheim. Corri para lá; eram mais 11 horas. Que espetáculo espantoso ver do alto do rochedo as ondas escachoando e cobrindo os campos, as pradarias, as sebes e o resto, para formar, de uma ponta a outra do vale, um mar que se desencadeava furiosamente enquanto o vento assobiava! E, quando a lua reaparece por sobre a nuvem escura, iluminando com seus reflexos terríveis e esplêndidos as águas que rolavam e rugiam aos meus pés, fui sacudido de um súbito tremor e um desejo intenso. Ah! Curvado sobre o abismo, os braços estendidos, tive vontade de atirar-me lá embaixo naquele turbilhão meus tormentos e minhas penas, de me deixar arrastar pelas vagas procelosas! (Ibidem, p. 322)

O furioso espetáculo descrito por Werther parece exercer um fascínio sobre ele atraindo-o. Esta natureza destruidora parece querer mostrar que está pronta a esmagar tudo aquilo que a ela se contrapor. Werther parece também identificar neste sublime espetáculo o prenúncio de seu fim. Pois neste trecho do romance já se aproxima do momento em que este personagem comete o suicídio

Portanto, é possível perceber que tanto nos personagens quanto nas poesias goethianas, o contato entre indivíduo e natureza é recorrente. Nos escritos literários de Goethe a natureza torna-se quase um personagem devido ao seu poder de interação.

Não se trata simplesmente de uma natureza que atua como simples plano de fundo para o desenrolar das tramas, mas de uma natureza que se torna protagonista devido seu poder de influência. Os personagens goethianos são envolvidos pelas forças naturais e tomados por um ímpeto emocional, que atesta que estes também são representantes das forças indomáveis da natureza. Entretanto, aquilo que é natural encontra sua antítese na cultura, esta parece querer sufocar as forças da natureza. Com efeito, o embate entre natureza e cultura também se apresenta como um elemento presente nesta concepção de natureza goethiana. Sendo assim, abordaremos este embate no tópico subsequente.

O CULTURAL EM CONTRAPOSIÇÃO AO NATURAL

Em alguns romances do poeta J. W. Goethe notamos a presença de um embate entre o natural e o cultural. Por vezes a oposição entre essas duas forças nos coloca diante de dilemas éticos e existenciais. Por um lado, as regras sociais e a cultura nos conduzem para uma direção, por outro lado, o fluxo das paixões nos conduz em outro sentido. Como se portar diante disto? Nos encontramos, assim, diante de um dilema que por vezes os personagens de Goethe também se encontram. Um personagem de um dos romances deste escritor, denominado “Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister”, diz o seguinte:

Oh, que inútil severidade da moral – exclamou - quando a natureza a seu modo amoroso, nos forma para tudo aquilo que devemos ser! Oh, as estranhas exigências da sociedade burguesa que primeiro nos confunde e nos desencaminha, para depois exigir de nós mais que a própria natureza! Pobre de toda forma de cultura que destrói os meios mais eficazes da verdadeira cultura e nos indica o fim, ao invés de nos tornar felizes no caminho, propriamente! (GOETHE, 1994, p. 492-493).

De um lado a natureza representa o caráter impetuoso do homem, o fluxo das paixões e sentimentos que arrebatam, pois a natureza além de remeter à ideia de *physis*, que é o lugar onde as coisas brotam, onde o ciclo da existência se renova, remete também aos sentimentos mais arraigados do homem aqueles que se encontram em seu âmago e compõem sua natureza intrínseca. Do outro lado, a cultura representa a racionalidade do homem, todas as convenções criadas para possibilitar a vida em sociedade. Essas duas forças por vezes entram em embate. Constantemente as regras sociais reprimem aquilo que é natural. Estamos aí diante de um embate entre razão e sentimentos. Diante desta luta um dos personagens de Goethe diz o seguinte: “Ah, como parece insignificante ao homem, em seus momentos de paixão, tudo que o cerca, tudo que lhe pertence!” (GOETHE, 1994, p. 497). Essa citação aponta para uma valorização daquilo que é natural. O homem quando se encontra e um arroubo de paixões parece não se conter diante daquilo que é convencional e cultural. Isto se aproxima a um retorno a natureza, proporcionado pela irrupção da natureza própria do indivíduo.

O retorno à natureza parece ser propício à arte, pois se traduz em obras sublimes e dotadas de inspiração. Estas obras de arte parecem evocar nossos sentimentos mais pulsantes, colocando-nos em contato direto com o cosmos, com o divino, com o numinoso. A fruição do belo proporcionado por uma obra de arte desperta no homem seu elo natural com a physis, colocando-o, por vezes, em um embate com seu lado civilizado. O homem moderno ao adentrar-se na marcha do progresso perde este elo com a physis, há uma perda de sua totalidade. Este contato com o cosmos é resgatado através da natureza intrínseca do próprio indivíduo que emerge na totalidade através do fluxo de suas paixões. Assim, podemos perceber a importância da fruição do belo, que se dá quando contemplamos uma obra de arte, em resgatar esta dimensão do ser humano, ligando-o com a totalidade. A vida prática por vezes nos arrasta e nos faz perder esta dimensão. Perdemos-nos em uma vida prosaica e esquecemos-nos do lado poético da existência. Entretanto, será que podemos prescindir da beleza? Outro personagem de Goethe nos responde essa questão:

Tão propenso anda o homem a dedicar-se ao que há de mais vulgar, com tanta facilidade se lhe embotam o espírito e os sentidos para as impressões do belo e do perfeito, que por todos os meios deveríamos conservar em nós essa faculdade de sentir. Pois não há quem possa passar completamente sem um prazer como esse, e só a falta de costume de desfrutar algo de bom é a causa de muitos homens encontrarem prazer no frívolo e no, insulso, contanto que seja novo. Deveríamos dizia ele – diariamente ouvir ao menos uma pequena canção, ler um belo poema, admirar um quadro magnífico, e, se possível, pronunciar algumas palavras sensatas. (Ibidem, p. 280)

Destarte fica patente, que para Goethe, o homem não pode prescindir desta dimensão emotiva, que se sensibiliza com a contemplação do belo. Abrir mão disto seria como abrir mão de parte de nosso ser. O personagem Werther representa a paixão em contraposição a fria racionalidade, ele representa o poético em contraposição ao prosaico. O Werther é um observador das frias convenções e regras do mundo burguês. Para ele os indivíduos que vivem neste mundo estão mergulhados por frivolidades e perdem-se em uma vida maçante, cercadas por regras, futilidades e dissimulações. Ao fazer uma descrição da sociedade que o cerca, Werther afirma o seguinte:

Se você me perguntar como é a gente daqui, serei forçado a responder: “A mesma de toda parte”. Como a espécie humana é uniforme! A maioria sofre durante quase todo seu tempo, apenas para poder viver, e os poucos lazeres que lhe restam são tão cheios de preocupações que ela procura todos os meios de aliviá-las. Oh, destino do homem! (GOETHE, 2003, p.225)

No trecho acima, Werther fala sobre o quão superficial e vazio se torna a vida do homem quando este reduz sua existência a meras ocupações que apenas garantem sua sobrevivência. O personagem parece querer afirmar que o homem abandona assim o lado poético da existência e se entrega a uma vida prosaica, onde deixam de lado seus sonhos e suas paixões, tornando-se uma criatura fria e empedernida incapaz de se sensibilizar com

a beleza existente no mundo. A vida prosaica aprisiona os indivíduos através dos grilhões de um cotidiano maçante, deixando-os indiferentes e apáticos diante de sua própria inação. Tais indivíduos são arrastados na correnteza do cotidiano e abandonam as rédeas de sua própria existência, perdendo assim sua singularidade e tornando-se meros autômatos. O seguinte trecho da fala do personagem também expressa isto:

Tudo neste mundo leva às mesmas mesquinhas; e aquele que, para agradar aos outros, e não por paixão ou necessidade pessoal, se esgota no trabalho para ganhar dinheiro, honrarias, ou o que quer que seja, aquele que agir desse modo, digam o que disserem, é um louco. (Ibidem, p. 256)

Neste trecho o Werther reflete sobre o sentido prosaico da vida. Este personagem fala sobre o modo como os indivíduos se entregam a uma vida de trabalhos árduos em busca de dinheiro em interesses mais imediatos e esquecem o sentido poético da existência. Tais indivíduos deixam de lado seus sonhos e anseios em busca de dinheiro e riquezas, tornando a vida insossa e destituída de beleza poética. Para o Werther cada indivíduo deve ir em busca de seus anseios e das suas paixões, buscando encontrar o sentido poético da existência, pois só assim estará vivendo de forma autêntica e livre.

Werther ao diagnosticar que os indivíduos estão presos ao fardo do cotidiano e a uma vida prosaica, diz que estes são incapazes de ter altas aspirações. Ao dizer isto ele também diz ser alguém diferente destes indivíduos, é como se ele próprio se considerasse um ser autêntico e dotado de uma sensibilidade que o diferencia dos demais. Por conta disto, Werther se considera alguém incompreendido, isto pode ser percebido quando ele afirma que: “[...] ser incompreendido é o destino de todos aqueles que se parecem comigo”. (Ibidem, p. 225) A auto afirmação de Werther aponta para uma importante característica do Romantismo, o egocentrismo, pois os personagens românticos enxergam-se como sendo seres excepcionais e diferenciados, portadores de capacidades além do comum, tais indivíduos configuram-se na figura do gênio, sendo este um ser extraordinário que é capaz de criar obras que nos permitem contemplar o suprasensível e nos eleva a um conhecimento de exceção. A força das paixões que arrebatam este personagem também podem ser notadas no seguinte trecho:

Só dei acordo de mim quando ouvi a voz de Carlota chamando-me para nos irmos embora. Na volta, ela me censurou o interesse apaixonado que tomo por todas as coisas e que acabará – disse – por me consumir! Quantas recomendações me fez para que cuide de mim! Anjo, por tua causa é preciso que eu viva! (Ibidem, p. 250)

Neste trecho Carlota censura Werther por sua paixão descontrolada e por seu ímpeto emocional. Este personagem encarna o indivíduo romântico que é tomado por um frenesi de paixões e que perde o controle dos seus atos. Aqui é o *pathos* que age sobre o indivíduo e faz com que este perca a capacidade de deliberar suas ações, calculando-as

racionalmente. Movido pelas paixões cada ação torna-se um ato irrefletido que exteriorizam as paixões que movem os indivíduos.

Destarte, nos romances de Goethe há uma recorrência de personagens que são tomados por paixões violentas, que vivem o dilema que os divide entre seguir os anseios de uma sociedade que está em transformação ou seguir a direção de seus desejos, de seus sonhos e de suas emoções. Estes personagens vivem paixões proibidas e avassaladoras que vão contra as convenções da sociedade e fazem transbordar seus sentimentos a cada ato praticado. Como exemplo disto, temos o romance *Afinidades eletivas*, escrito por Goethe, neste romance a força da natureza se sobrepõe as convenções sociais.

Esta afirmativa expressa bem o conteúdo desta obra, pois nela Eduard, um dos personagens deste romance, compromete seus laços matrimoniais com Charlotte para viver uma paixão com a sobrinha desta, Ottilie. Charlotte por sua vez apaixona-se pelo capitão Otto, um amigo de seu esposo Eduard. Os quatro se reúnem em uma casa de campo, onde a proximidade com a natureza e o silêncio de um ambiente idílico faz despertar a voracidade de suas paixões. Afinidade eletiva é um termo técnico da química que designa a separação de um par de elementos em detrimento de uma nova união, assim como acontece no romance. Esta relação de substituição mútua de elementos é explicada por um dos personagens, o capitão Otto:

Se não lhes parecer pedantismo – replicou o capitão –, posso resumir tudo e me restringir à linguagem simbólica. Imaginem um A intimamente ligado a um B e incapaz de se separar dele, nem pela força; suponham um C que esteja na mesma situação com um D; coloquem então os dois pares em contato; A atirar-se-á para D, e C para B, sem que se possa afirmar quem abandonou quem e se uniu ao outro primeiro". (GOETHE, 2008, p. 47)

Com efeito, o processo químico denominado de afinidade eletiva faz também alusão ao relacionamento dos quatro personagens. A afinidade eletiva que se dá no romance vai de encontro as regras e as instituições sociais, como por exemplo o casamento.

Nesta mesma obra, a jovem Ottilie não suporta a pressão de viver dividida entre o querer e o dever, pois sua paixão por Eduard ia de encontro a todas as regras de conduta da sociedade. Diante da impossibilidade de viver tal paixão e do sentimento de culpa ocasionado por seu querer ser contrário a moralidade, a solução encontrada por Ottilie foi a renúncia, que se efetuou no suicídio cometido por ela. Assim, como Ottilie, outro personagem de Goethe encontra no suicídio uma forma de renunciar ao seu querer, o jovem Werther ao deparar-se com os mesmos dilemas existências de Ottilie também põe fim a própria vida. Ele vive entre o desejo de uma vida autêntica, intensa e livre e os anseios de um mundo burguês que o rodeia e o cerca de regras sociais que esmagam seus sonhos pelo peso da vida prática. Wilhelm, personagem de Goethe expressa bem esse dilema, e diz o seguinte:

Penso que se dá com a arte o mesmo que se dá com o amor. Como pode o homem do mundo conservar, em meio à vida dispersa que leva, o fervor em que deve viver o artista, se pensa produzir algo perfeito, e que não há de ser alheio nem sequer àquele que pretenda mostrar um interesse tal pela obra, assim como deseja e espera o artista? Creiam-me, meus amigos, ocorre com os talentos o mesmo que com a virtude: deve-se ama-los por si mesmos ou renunciar inteiramente a eles. E, no entanto, só haveremos de reconhecer e recompensar tanto um como o outro quando, à maneira de um mistério perigoso, pudermos exercê-los em segredo. (GOETHE, 1994, p. 210)

Assim, notamos que nas obras literárias de Goethe há uma recorrência do embate destas duas forças, o querer, que representa os anseios e paixões próprias do indivíduo, e o dever que representa as convenções sociais e éticas. O resultado deste embate ocasiona um pesar nos indivíduos, que ao se sentirem culpados renunciam aos seus sonhos e às suas paixões. O resultado desta renúncia muitas vezes culmina com um fim fatídico, como o ocorrido com estes dois personagens de Goethe, que exprimem esta contraposição de natureza e cultura. Uma das implicações disto é que, muitas vezes, retornar à natureza significa contrapor-se à cultura. Com efeito, a natureza ao se sentir acuada e contrariada se sobrepõe e esmaga tudo aquilo que a ela se opõe. Deste modo, a fúria da natureza não encontrando vazão, devido às amarras da sociedade, se bate com força violenta e encontra uma forma de mostrar sua devastadora força por meio daqueles que são mais suscetíveis ao seu chamado. Otilie e Werther são exemplos da violenta força da natureza que encontra uma forma de se expressar por meio de atos arrebatados por paixões avassaladoras. Sobre esta força da natureza que age sobre os indivíduos, Werther diz o seguinte:

A natureza não encontrando saída no labirinto onde as forças lutam e se debatem confusamente, caminha para a morte inevitável. Maldito seja aquele que vendo tudo isso, contenta-se em dizer: "Que insensato! Ele devia esperar, deixando que o tempo agisse por si; seu desespero ter-se-ia acalmado e não faltaria quem o consolasse." (GOETHE, 2003 p. 266-267)

Neste trecho percebe-se que Werther entende o suicídio como um ato apaixonado, sendo o suicida alguém movido pela força da natureza, que é representada pelo arroubo de paixões. A natureza se sente acuada e demonstra sua força por meio dos atos apaixonados dos indivíduos. Estes são conduzidos ao fim devido à intensa e voraz força que os arrasta. Tais indivíduos são repreendidos e acusados de insanidade por parte daqueles que estão mergulhados em uma fria e prosaica vida, e que são incapazes de compreender o que motiva os atos que a eles parecem insensatos. Esta oposição entre a sensibilidade, que leva aos atos passionais, e a racionalidade que repreende tais atos é percebida na seguinte fala:

Tenho-me embriagado mais de uma vez, as minhas paixões roçaram sempre pela loucura, e disso não me arrependo, porque só assim cheguei a compreender, numa certa medida, a razão por que, em todos os tempos, sempre foram tratados como ébrios e como loucos os homens extraordinários

que realizaram grandes coisas, as coisas que pareciam impossíveis!
(GOETHE, 2003, p. 263)

Neste trecho configura-se a concepção de gênio do Romantismo. O gênio é um indivíduo dotado de espírito livre e que age como uma força da natureza sem obedecer às regras. Tal indivíduo é capaz de feitos grandiosos e até então incompreensíveis. Entretanto, o gênio é arrebatado por paixões violentas que aos olhos dos outros fazem tal indivíduo parecer um ébrio e descontrolado.

Em um diálogo entre Albert e Werther, onde o primeiro representa a sensatez, as convenções da sociedade e a ética kantiana, pois é ele um modelo do exemplar cidadão burguês, recrimina veementemente o ato do suicídio, afirmando que é este um ato vergonhoso e insensato, uma fraqueza. Werther faz a defesa do indivíduo que comete tal ato movido por força de suas paixões, pois este personagem, que representa o romântico, a força da natureza, o gênio, reconhece que os indivíduos não podem prescindir de seu lado passional. Para ele tais indivíduos quando movidos pelo furor de suas paixões podem realizar atos grandiosos e prodigiosos, como também atos impensados. Entretanto, tais indivíduos não devem ser recriminados nem chamados de insensatos, pois o lado emocional é próprio do homem e não pode ser simplesmente deixado de lado. O indivíduo romântico não se entrega simplesmente a frieza da razão, mas age de forma apaixonada, movido pelo coração.

Portanto, a natureza poética, concebida por Goethe, evoca também aquilo que é mais natural nos indivíduos: suas paixões sentimentos e instintos. Ao entrar em contato com esta força poética os indivíduos despertam suas paixões mais arraigadas e anseiam uma vida autêntica e livre. Esta natureza encontra sua antítese naquilo que é cultural, as regras e convenções da sociedade, o artificialismo da vida. Assim, este embate entre estas duas forças – natureza e cultura – é expresso nos romances de Goethe. Nestes romances, os personagens mais apaixonados buscam um refúgio dos desconcertos do mundo moderno em uma natureza que os acolhe e torna-se um refúgio, inspirando-os e tornando-os suscetíveis às forças geradoras que evocam uma união com o todo, com o divino.

NATUREZA COMO REFÚGIO E COMO INSPIRAÇÃO DO ARTISTA

Destarte, para escutar a voz da natureza é preciso estar alheio à bulha e a confusão das cidades que surgem. O frenético ritmo da vida moderna faz com que o indivíduo mergulhe em uma vida prosaica e se torne desatento para com o mundo que o rodeia. Este indivíduo fecha-se em sua individualidade, perdendo assim sua totalidade. Ele sofre uma angústia decorrente de seu estado de abandono diante de um mundo caótico, dinâmico e competitivo. Disto decorre, que no retorno a natureza o homem moderno encontra um

abrigo que o protegerá de toda esta confusão. A natureza se torna a mãe que o conforta e o abriga do caos de uma sociedade incompreendida. Neste retorno ao natural o indivíduo moderno vê resgatada sua conexão com a totalidade.

Nesse contexto, a natureza se torna um retiro onde o artista cria suas obras a partir de suas emoções, pois estando próximo da natureza o artista escuta aquilo que lhe é mais natural, seus sentimentos. Estando mergulhado em uma vida prosaica o artista se vê impossibilitado de criar uma obra autêntica, é preciso retornar à natureza para resgatar toda a poesia da vida, pois a aura mística por trás dos fenômenos naturais serve de inspiração ao artista. O gênio enxerga o divino nos fenômenos naturais, a beleza ideal se esconde em cada manifestação do cosmos, é como se a força criadora da *physis* fosse o maior de todos os poetas. A natureza exala a sublime beleza das divindades. Com efeito, o artista deve escutar esta natureza que o interpela. O jovem Werther tem a dizer o seguinte sobre isto:

[...] fortaleceu-me a convicção de cingir-me, daqui por diante, unicamente à natureza. Só ela é infinitamente rica e só ela é capaz de formar os grandes artistas. Há muito que dizer a favor das regras de arte, como a favor das leis da sociedade. Quem se forma segundo essas regras não produzirá nunca uma obra absurda, nem completamente ruim; da mesma sorte, um homem educado segundo as leis e o decoro jamais poderá ser um vizinho intolerável, nem um insigne bandido. Não obstante, diga-se o que disser, toda regra destrói o verdadeiro sentimento e a verdadeira expressão da natureza. (GOETHE, 2003, p. 229)

No trecho acima Werther defende que as regras da arte e as da sociedade destroem toda expressão daquilo que é natural. Para se expressar em sua autenticidade o artista não pode submeter-se a regras pré-estabelecidas por outrem, pois desta forma não se estaria sendo fiel aos seus sentimentos e a sua natureza criativa. Do mesmo modo, dentro da sociedade as regras sociais sufocam os indivíduos, tornando estes seres adestrados. O lado natural do homem torna-se comprometido pelos padrões das regras sociais. Dentro do romance de Goethe o convívio social chega a se tornar insuportável para o jovem Werther. As superficialidades e artificialismo de uma sociedade dissimulada causam um efeito devastador neste personagem, que em determinado ponto do romance chega a abandonar um ótimo emprego para não ter que fazer parte do convívio social de uma sociedade burguesa. A contraposição entre o natural e o cultural é um tema recorrente dentro do romantismo, que pode ser também percebido nesta obra. Para Werther o contato com a natureza encontrado na solidão do campo é algo que faz sua alma trasbordar de sentimentos, colocando-o em contato com uma força criativa que engendra o cosmos. A serenidade do campo desperta neste personagem o seu lado mais impetuoso e natural.

Durante os passeios no bosque Werther perde-se em divagações e entra em contato com o íntimo de seu ser, desvelando os recônditos de sua alma. Por outro, lado o tumulto das cidades sufoca a autenticidade deste personagem. Ele sente-se inquieto a todo o

momento, uma sensação de desconforto apodera-se dele, pois Werther sente-se sufocado por regras e por convenções de uma sociedade que jamais irá compreender a liberdade de seu gênio. Assim, este personagem anseia a solidão e o retiro na natureza, diz ele:

[...] é preciso que eu me afaste, que saia e vá errar pelos campos, bem longe! Agrada-me, então, galgar uma montanha a pique, embrenhar-me através do bosque impenetrável, ferindo-me nas armadilhas de caça, dilacerando-me nos espinheiros. Só então me sinto um pouco aliviado! Um pouco, que digo eu? Quantas e quantas vezes, quando me estiro no caminho prostrado de fadiga e de sede, ou quando, alta noite, enquanto a lua resplende sobre a minha cabeça, sento-me sobre um tronco de árvore no seio da floresta, para aliviar meus pés doloridos, esmoreço na meia luz duvidosa da espessura e durmo um sono fatigante! Ó Wilhelm, a permanência numa célula solitária, o cilício e o cingulo de pontas de ferro são o consolo a que minha alma aspira! (Ibidem, p. 273)

Estar em contato com o cosmos, traz ao homem um conhecimento de exceção que talvez não seja propiciado por processos racionais. Na busca pela totalidade das coisas, pela apreensão da realidade, a filosofia e as ciências utilizam uma linguagem rigorosa sistemática, que se baseia na razão. A arte por outro lado aborda a totalidade a partir da emoção da fantasia. O artista cria um vínculo de afinidade com a natureza, este se dá a partir do espírito criativo de ambos, pois no processo de poíesis tanto da natureza como do artista, o que prevalece é a fantasia, a impetuosidade. A natureza, bem como o artista, cria suas obras sem estar sujeita a regras e padrões que são passíveis de serem compreendidas racionalmente.

O artista de exceção é aquele que sente fluir em si a poesia plasmadora do cosmos, e transforma-se em um segundo criador, trazendo ao mundo obras autênticas que mais parecem revelações advindas do próprio espírito da natureza. Tais obras são dotadas de imaginação e criatividade, assim como as da natureza. Essas criações permitem que existência sempre se renove e não permaneça estática. Pois a natureza é a inesgotável fonte que alimenta o selvagem fluxo das águas do devir. Assim, a poíesis, renova a existência e não a permite torna-se uma unidade completa, estática e acabada

Portanto, a afinidade entre natureza-artista se dá a partir desta propensão criadora de ambos. Apenas o artista que tem seus sentimentos extremados pode contemplar e vislumbrar a força criadora da natureza, a partir disto o artista se harmoniza com o cosmos e traz ao mundo obras até então inconcebíveis. Obras que fazem transbordar sua interioridade, sua natureza, e também a natureza em si. Estas obras são dotadas de emoção e de uma beleza sublime e inalcançável. Tais obras só são possíveis através das mãos do gênio.

O Gênio é aquele que nos permite contemplar o sublime através de obras dotadas de inspiração. Uma dessas fontes de inspiração é o mundo natural, que envolve o gênio em um êxtase criativo. No pensamento iluminista arte e religiosidade eram duas instâncias que

se mantinham afastadas. Entretanto, no pensamento de Goethe essas duas instâncias se mantêm imbrincadas. A figura do gênio, no pensamento do jovem Goethe, foi construída, também por uma forte influência das peças de Shakespeare. Um personagem de Goethe Wilhelm Meister nos ajuda a perceber esta influência, quando diz o seguinte a respeito das peças de shakespeareanas:

[...] não lembro de nenhum outro livro, ser humano nem de qualquer acontecimento da vida que tanta impressão me tenha causado quanto essas peças magníficas que, graças à sua bondade, pude conhecer. Parecem obras de um gênio celestial, que se aproxima dos homens para lhe dar a conhecer a si mesmos da maneira mais natural. Não são composições poéticas! Acreditamos encontrar-nos diante dos colossais livros do destino em que, uma vez abertos, sibila o vento impetuoso da mais agitada vida, e com uma rapidez e violência vai virando suas páginas. Estou tão admirado de sua força e delicadeza, de sua violência e serenidade, e ao mesmo tempo tão desconcertado, que espero ansioso o momento em que me encontrarei num estado melhor que permitirá continuar a leitura. (GOETHE, 1994, 185)

Notamos, então, que Goethe identifica nos personagens de Shakespeare verdadeiros gênios. Essa influência se reflete na literatura do poeta alemão, pois os personagens de seus romances também se mostram como gênios que são arrebatados por paixões violentas.

Portanto, através do conceito de gênio, podemos notar que a criação artística para Goethe não se dá apenas no âmbito subjetivo, mas tem também aspectos objetivos já que as formas e regras existem na natureza e são apreendidas pelo artista, como uma revelação do mundo que encontra vazão em uma obra de arte. Sobre a criação artística, em Goethe, é dito:

Pode-se concluir que, para Goethe, a criação não é um fator subjetivo, mas de revelação do mundo, visto pelo homem criador em uma interação entre magia (poder mágico do gênio) e razão. Ao passar pelo íntimo do artista, a criação não se transforma em produto puramente subjetivo mais sim uma necessidade, através da qual o homem pode despertar sua razão, sua consciência do ato de criação (MOURA, 2011, p.119)

Nota-se nesse conceito que na criação artística há uma disposição inata, que os homens têm quando estão envolvidos no ato de criação, pelo qual a arte é uma modelação feita pela força criadora do mundo natural. O artista torna-se um coautor da natureza. Uma espécie de intérprete que traz ao mundo obras moduladas pela plasmadora força universal. Assim como um instrumentista que utiliza a emoção para interpretar obras compostas por outrem. Nesse caso, a natureza é o compositor das obras que o gênio interpreta com emoção em seu frenesi indomável, fazendo-nos vislumbrar por alguns momentos a beleza sublime e inalcançável das divindades.

CONCLUSÃO

Dessa forma, podemos concluir que para Goethe a natureza se apresenta como uma totalidade orgânica e como uma força poética dotada de inspiração. Tal concepção se contrapõe à concepção de natureza mecânica presente em grande parte da modernidade, principalmente na filosofia iluminista. Goethe defende que o espírito poético do mundo natural deve ser abordado também por um espírito poético, por isto aquele que pretende investigar a natureza deve manter o espírito de um artista, pois só este pode vislumbrar os segredos do mundo natural. Essa natureza poética busca se expressar por meio do indivíduo, que, por sua vez, busca se expressar por meio da natureza. Desta forma, há uma fusão cósmica entre ambos. Com Goethe é resgatado o caráter místico, misterioso e indomável do mundo natural, que havia sido deixado de lado com o advento da racionalidade. A natureza que parecia haver sido domada pela frieza da razão, desvelada pelas leis da física e da matemática, resgata seu caráter indomável e selvagem, trazendo a irracionalidade e a emoção à tona. Assim, essa natureza torna-se um refúgio onde se pode fugir dos desconcertos do mundo moderno, onde o homem busca resgatar seu elo perdido com a totalidade.

A natureza goethiana também se torna divina, pois nela imana a força criadora que gera as formas existentes do cosmos. Com efeito, na concepção de natureza deste autor estão contidos importantes pressupostos que perpassam os seus escritos literários. Compreender a concepção de natureza de Goethe é de suma importância para se compreender a completude de sua obra poética, que ao mesmo tempo foi filosófica e lançou influências inegáveis dentro do pensamento ocidental.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 6º ed. São Paulo, Martins Fonte, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Ensaio reunidos escritos sobre Goethe**. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **O Conceito de crítica de arte no Romantismo alemão**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

BERLIN, Isaiah. **As raízes do Romantismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

BORNHEIM, Gerd A. **Aspectos filosóficos do Romantismo**. Porto Alegre: Cadernos do Rio Grande VIII, 1959.

CARPEAUX, Otto Maria. **A história concisa da literatura alemã**. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

COELHO, H. S. **Goethe: espírito da contemporaneidade**. Disponível em: < <http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/GOETHE.pdf> > Acessado em: 21/06/2016.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética: Direito, Moral e Religião no Mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FAVERO, Franciele. **O Romantismo e a estetização da natureza**. Disponível em: <www.ceart.udesc.br/dapesquisa/files/9/02VISUAIS_Franciele_Favero.pdf> Acesso em: 06/12/2014.

GOETHE, J. W., **As afinidades eletivas**. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.

_____. **Fausto /Werther**. São Paulo: Nova cultura, 2003.

_____. **Máximas e reflexões**. Lisboa: Guimarães editores, 1987.

_____. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Ensaio, 1994.

_____. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Abril, 2010.

_____. **Pensamentos nocturnos**. Disponível em: < <http://www.citador.pt/poemas/pensamentos-nocturnos-johann-wolfgang-von-goethe> > Acessado em: 18/12/2016.

_____. **Poesias escolhidas: Goethe**. Organização: Samuel Pfromm Netto. Campinas: Átomo, 2005.

_____. **Trilogia da paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

GOMES, Álvaro Cardoso, VECHI, Carlos Alberto. **A estética romântica**. Textos doutrinários comentados. São Paulo: Atlas, 1992.

GUIDOTTI, Mirella. Imbricações entre Goethe e Kant: arte, natureza e sublime. **Revista Pandaemonium**, São Paulo, n. 17, 2011. p. 118-131. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/pg/n17/a08n17.pdf > Acesso em: <10 de Dezembro. 2014, 15:25:33>

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.

São Paulo: contraponto, 2006.

KANT, **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: ícone, 2005a.

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2005b.

KELLER, Alfred Josef. **Michaelis**: pequeno dicionário: Alemão-Português, Português-Alemão. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

KESTLER, Izabela Maria Furtado, Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. **História, Ciência, Saúde**, Manguinhos, v. 13(suplemento), p. 39-54, 2006.

MARÍAS, Julián. O pensamento da época romântica. In: _____, **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.363-366.

MORAES FILHO, E. **Goethe e a filosofia**: 250 anos de Goethe. Rio de Janeiro: academia brasileira de letras, 1999.

MOURA, Pedro de Almeida. Prefácio do tradutor. In: RINTELEN, J. V. **Goethe: espírito e vida**. São Paulo: Edições melhoramentos, 1949. p. 9-15.

MOURA, Magali. **A Poiesis orgânica de Goethe. Construção de um diálogo entre arte e ciência**. São Paulo: USP, 2006, (tese de doutoramento) <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-09082007-141708/pt-br.php> Acesso em: 25/10/2014.

_____. **Da magia a Kant: Considerações sobre a relação de Goethe com a filosofia**. Revista Matraca, Rio de Janeiro, v. 18, n. 29, 2011. <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca29/arqs/matraca29a06.pdf> Acesso em: 15/10/2014.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**, 5: do Romantismo ao Empirio criticismo. São Paulo: Paulus, 2005. p. 3-28

RIBEIRO, Raquel. Alexandra. Oliveira. da Silva. **Romantismo**: contextualização histórica e das artes. Disponível em: <2010 <http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/656/1/Romantismo.pdf>> Acesso em: 24/10/2014.

RINTELEN, J. V. **Goethe: espírito e vida**. São Paulo: Edições melhoramentos, 1949.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. São Paulo: Hunterbooks, 2014.

SCHILLER, Johann Christoph Friedrich. Sobre a educação estética do homem em uma sequência de cartas. In: DUARTE, Rodrigo. **O Belo autônomo**: Textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Crisálida, 2012. p. 149-165.

SOUZA, Maria Cristina dos Santos de. **A naturphilosophie como concepção de mundo do Romantismo alemão**. 2010. Disponível em: <www.ifcs.ufrj.br/~aisthe/vol%20IV/SOUZA.pdf> Acesso em: 01/12/ 2014.

STAËL, Madame de. **Da Alemanha**. São Paulo: Unesp, 2016.

STEINER, Rudolf. **Arte e Estética segundo Goethe**. São Paulo: Antroposófica, 1998.

SOBRE O AUTOR

JOSÉ CÂNDIDO RODRIGUES NETO - Graduação em Filosofia (2017) pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Mestrado pelo programa de pós-graduação em Literatura e Interculturalidade, da UEPB (2019). Graduação em História (EAD), pela Cruzeiro do Sul Virtual (2020); Graduação em Letras Inglês (EAD) 2021, pela UFPB, Graduação em sociologia em andamento, pela FAVENI; Doutorado em Literatura e Interculturalidade, em andamento, pela UEPB e especialização em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (EAD) pela Faculdade Futura (2019). Atua principalmente na interface Filosofia/Literatura. Desde 2013 é vinculado ao Núcleo de Estudos Filosóficos e Teológicos - NEFITEL - UEPB. No momento atua como docente na ECI Francisco Marques de Melo, na condição de professor efetivo, da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia, do estado da Paraíba, onde leciona as disciplinas de Filosofia, Sociologia e História.



 www.arenaeditora.com.br

 contato@arenaeditora.com.br

 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)

 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

A concepção de natureza em

Goethe

 **Atena**
Editora
Ano 2022





🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A concepção de natureza em

Goethe

 **Atena**
Editora
Ano 2022

